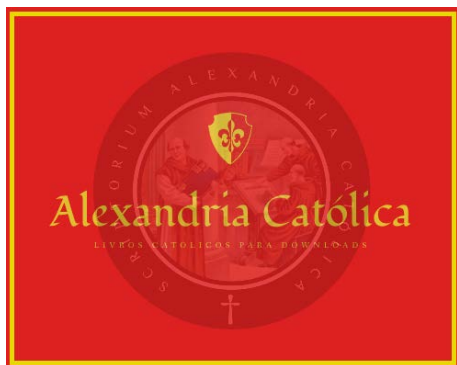


Alberto Zwaenepoel

Cerimonial dos Acólitos

TRADUÇÃO E EDIÇÃO DE
P. FERNANDO FERRAZ



LISBOA

- 1956 -

NIHIL OBSTAT

Olisipone, 20 Decembris 1955

Can. *António Gonçalves*

IMPRIMATUR

Olisipone, 25 Decembris 1955

† *Emmanuel, Episcopus Prienensis*

À MANEIRA DE PREFÁCIO

São para vós, rapazes de Portugal, as páginas que se seguem.

Trazem consigo uma preocupação e um desejo.

A preocupação de vos interessar na Liturgia Sagrada, dando-vos orientações e regras para, tão pertinho de Jesus, oferecerdes ao Seu Culto toda a luz da vossa inteligente piedade e todo o fervor do vosso coração, em perfeito acordo com o louvor à Santíssima Trindade que o Mistério da Cruz, os Céus e a terra elevam incessantemente, dilatando a nossa alma numa ânsia de mais perfeição e santidade.

Depois, o desejo veemente de, com o vosso exemplo e assiduidade, atrairdes a Jesus tantos dos vossos amigos e companheiros que, através do esplendor e beleza das cerimónias religiosas, hão-de tornar-se participantes dos inefáveis dons e graças que dimanam superabundantemente do Altar.

Sois parte importante e imprescindível no Culto Divino e Deus precisa de vós.

Festa da Maternidade de Nossa Senhora

11 de Outubro de 1955

O TRADUTOR

«Para conseguir este resultado (a celebração do culto em estreita união com a assembleia do povo), será certamente vantajoso escolher, entre as diferentes classes de fiéis, meninos bons e bem instruídos, que, com desinteresse e boa vontade, sirvam devota e assiduamente ao altar: missão que deve ser tida na maior consideração pelos pais, ainda que sejam de elevada posição social e cultura. Se estes joventinhos forem instruídos com o necessário cuidado e sob a vigilância dum sacerdote para cumprirem este seu ofício com constância e reverência e às horas marcadas, não será difícil nascerem entre eles novas vocações sacerdotais; e o clero não terá de lamentar-se, como muitas vezes sucede, e às vezes, em regiões catolicíssimas, de não encontrar ninguém que, na celebração do Santo Sacrifício, lhe responda e ajude».

PIO XII — Mediator Dei

ORAÇÃO

«Fazei, Senhor de misericórdia, que mereçamos servir sempre dignamente ao vosso altar, e salvai-nos pela perfeita participação que temos nele».

Secreta de 6.^a feira da Paixão

NOÇÕES PRELIMINARES

1. SER ACÓLITO

Constitui, sem dúvida, graça muito especial, ser admitido no escolhido grupo dos que são chamados a colaborar mais directamente com o Sacerdote na celebração do culto da Santa Igreja.

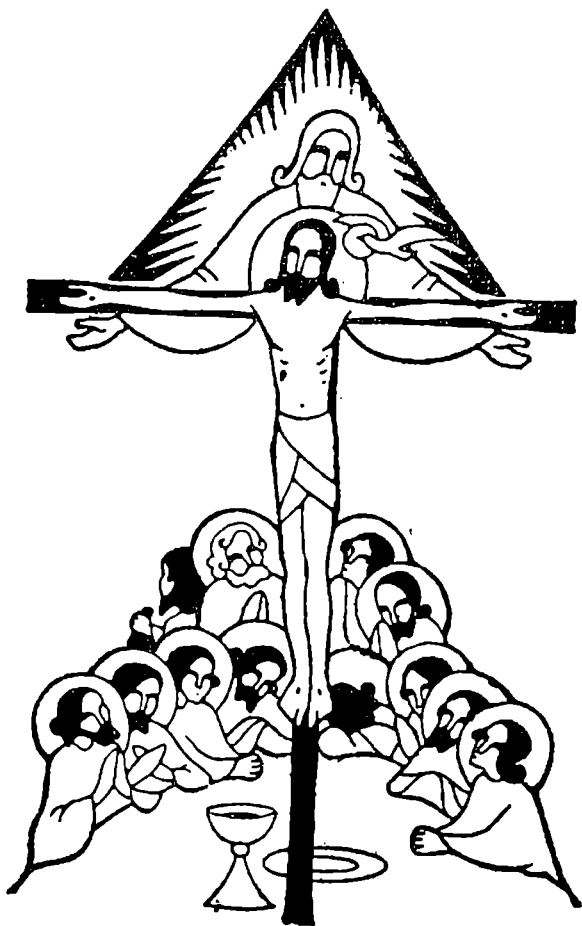
O Santo Sacrifício da Missa, a administração dos Sacramentos, o canto litúrgico são a continuação e o desenvolvimento imediato do louvor de Jesus Cristo à Santíssima Trindade e da sua Obra de Resgate para salvação do género humano.

Colaborar e contribuir com a sua parte nesta sublime missão é o trabalho mais santo e nobre que o homem pode desempenhar na terra.

No entanto, esta função exige **um coração puro e recta intenção**, para ser exercida conveniente e santamente, acompanhando-a sempre a convicção da presença de Deus.

É este o exercício do culto que devemos prestar a Deus, nosso Criador e Pai, por intermédio de Jesus Cristo, Mediador, em unidade com o Espírito Santo.

Não nos obrigará o pensamento **do Poder, Majestade e Amor de Deus** a aproximar-nos do altar



1. Por Ele, com Ele n'Ele

com uma piedade cada vez mais viva e inteligente?

Bem perto do Altar, onde prestamos a nossa colaboração, passamos a exercer funções atribuídas aos ministros sagrados.

Este Altar é o símbolo de Cristo-Redentor e Ele está presente durante o Santo Sacrifício como «Hóstia pura, santa e Imaculada», imolada em honra da Santíssima Trindade, para salvação do Mundo.

Reflitamos igualmente que o **nosso exemplo**, a nossa atitude digna e respeitadora junto do altar, contribuirá para o recolhimento e edificação de toda a assistência.

Enfim, não devemos nós, **por respeito e por caridade**, ajudar o sacerdote o mais perfeitamente possível, na sua missão sublime de mediador visível entre Deus e os homens e evitar que de qualquer forma o possam distrair as nossas dissipações e desleixos?

Por isso, **respeito consciente, disciplina e atenção** sempre que estivermos investidos de tão honrosos encargos.

Não esqueçamos nada do que diz respeito à nossa função, não desprezemos as preciosas páginas que se seguem, para que tudo se faça com **consciência e amor**.

Mais do que qualquer outro fiel, tomamos uma parte activa na vida de Sacrifício e de Oração da Igreja, e se **a nossa fé e piedade estiverem em proporção com a participação nos mistérios sagrados, teremos, mais do que ninguém, porção valiosa na**

superabundância dos frutos que dimanam da Oração e do Sacrifício.

Não encontraremos aqui motivo que nos leve a tudo procurar para que nos tornemos cada vez mais dignos de exercer este ministério que representa uma vocação de escolha?

«Ut filii lucis sitis». Eis os motivos fortes que nos devem levar a:

— aplicar com zelo e diligência ao estudo das rubricas,

— observar com cuidado todas as prescrições litúrgicas,

— exercer a função de acólito com aprumo e dignidade.

—

2. PEQUENAS COISAS... QUE NÃO SÃO COISAS PEQUENAS

Não basta saber que a função de acólito exige seriedade, e que o serviço do altar reclama respeito e atenção. Isto só não bastaria.

Devemos viver efectiva e praticamente a nossa Fé e agir dentro desta convicção com inteligência.

Aqui, muito menos do que em qualquer outra ocasião, as nossas acções de forma alguma devem desmentir as palavras: nada de mentiras na nossa vida...

Escusado será dizer que uma devoção humilde e sincera se exteriorizará, em primeiro lugar, por um edificante respeito pela casa de Deus, onde, durante as cerimónias e fora das nossas obrigações, nos deve-

mos sempre comportar duma maneira correcta e recolhida.

O silêncio e uma atitude grave e respeitosa são estritamente exigidos e serão fielmente observados no coro, na igreja e na sacristia. Em toda a parte, mas sobretudo na igreja, o acólito deve ter sempre um porte correcto e decente.

Meninos descuidados são impróprios para o serviço do Altar. Vede como a Santa Igreja respeitosa e em honra da Infinita Majestade de Deus emprega tecidos preciosos nos paramentos sagrados, linho branco e puro nas toalhas do Altar, metais valiosos para o cálice e a patena.

Se devem ser assim tão belos e puros estes seres inanimados para serem empregados no serviço de Deus, que se não deve exigir dos ministros do Altar?...

Portanto, deve o acólito aparecer logo à missa da manhã cuidadosamente lavado e penteado. Nem mãos sujas, nem dedos salpicados de tinta, nem unhas enlutasadas..., nem tão pouco sapatos por engraxar. Não, pelo contrário, um acólito tem as mãos e unhas impecavelmente limpas, vai decentemente vestido e leva calçado bem engraxado.

Finalmente, **regularidade e bom exemplo**. Um bom acólito procura sempre estar a tempo, não anda a correr pela igreja, evita todo o ruído inútil, não anda a saltitar com a cabeça para um lado e para o outro, e trata todos os objectos com delicadeza, não

pensando, durante as sagradas funções, noutra coisa que não seja a sua obrigação.

3. RECOMENDAÇÕES GERAIS

A. A SACRISTIA

Escusado será recomendar que a sacristia é para os acólitos, como é para o sacerdote, **o lugar de preparação imediata para a Santa Missa e para a oração.** O acólito deve sempre comportar-se aí correcta, recolhida e dignamente (1).

Por esta razão, só deve permanecer lá o tempo que a sua obrigação exige. Fale em voz baixa, quando houver de pedir qualquer esclarecimento ou de responder a alguém.

Escusado será também recomendar a máxima atenção para a ordem que deve existir em todos os objectos destinados ao culto: ciriais, galhetas, turíbulo, etc.... bem como o que lhes está anexo: cera, carvão, fósforos, pavio, etc. Depois de ter servido, cada objecto deve voltar ao seu lugar e tudo deve ser cuidadosamente limpo. Não deixar abertos os armários e as gavetas.

(1) Recordem-se os acólitos de que não lhes é permitido tocar nos vasos sagrados (cálice, patena, cibório, lúnula da custódia,) e nos sanguíneos, palas e corporais.

B. REGULAMENTAÇÃO DO SERVIÇO E DAS FUNÇÕES RELIGIOSAS

Para perfeita execução, em cada semana deverá o encarregado da formação dos Acólitos, distribuir por cada um a sua obrigação.

Se, por motivo razoável, um acólito não puder encarregar-se de determinado serviço, deverá fazer-se substituir e avisar o Director.

Para que tudo corra impecavelmente, importa que os acólitos apareçam alguns instantes antes da hora fixada, a fim de prepararem, sem pressas, tudo o que é necessário e de se revestirem convenientemente.

A mais estricta regularidade e uma atenção contínua são indispensáveis para todos os serviços, bem como para as reuniões semanais e círculos de estudo.

C. VESTES (1)

Tenham o máximo cuidado com os hábitos do coro, ou sejam, a batina e a sobrepeliz de mangas compridas e largas.

1. Cada peça deve ser marcada com um número de ordem e deve ser de uso pessoal. A não ser em caso de necessidade, ninguém se deve servir das vestes doutro.

2. Para se revestir: veste-se a batina metendo o braço direito na manga direita, depois o braço esquerdo na manga esquerda, abotoando-a em seguida. Pega

(1) Começa já a usar-se também em Portugal a alva branca cingida de cordão. (Nota do tradutor).

na sobrepeliz, colocando a mão esquerda na abertura do pescoço e a direita na margem dorsal inferior.

Com ambas as mãos, introduz a cabeça na abertura, e os braços nas mangas começando pelo braço direito e diz: «Indue, me Domine, novum hominem, qui secundum Deum creatus est in justitia et sanctitate veritatis». (Revesti-me, Senhor, do homem novo que foi criado por Deus na justiça e na santidade da verdade). Que a sobrepeliz fique a cair bem, fechando-a no pescoço.

3. Para se despir, tira-se a manga esquerda com a mão direita, de maneira a libertar o braço esquerdo. Passa-se o lado esquerdo da sobrepeliz por cima da cabeça e tira-se a manga direita com a mão esquerda.

Para tirar a batina, o acólito começa por desabotoar um por um todos os botões, desde a manga esquerda, depois a manga direita e depois o resto da batina.

4. Segundo o costume, todos os hábitos do coro devem ser imediatamente suspensos no armário respectivo e, quando houver qualquer conserto a fazer, avisa-se o Director ou o Cerimoniário.

D. O SANTUÁRIO E O CORO

O Altar-mor e o Coro são as partes mais sagradas da Igreja, porque são **o lugar do Santo Sacrifício da Missa e da Oração.**

Aí, sobretudo, devem os acólitos, porque estão em

contacto mais directo com os objectos mais sagrados, esforçar-se por uma conduta respeitosa e uma atitude irrepreensível (1).

Procurem os acólitos testemunhar exteriormente a sinceridade deste respeito alimentado interiormente pelo espírito de fé, nunca entrando na capela-mor e no coro a não ser quando o exijam as suas funções e sempre revestido com a batina e sobrepeliz. Não corram pelo coro, como se fosse em lugar sem importância (2). Observem sempre as regras das genuflexões e das inclinações.

Conscientes da santidade do altar, os acólitos devem sempre subir e descer pelos degraus laterais, e não subir ao supedâneo a não ser quando as circunstâncias o exijam.

(1) Leiam-se estes judiciosos conselhos:

«No coro, reinará sempre a mais perfeita ordem; ponha-se fora todo o objecto supérfluo. As cadeiras, os bancos dos acólitos e os degraus do altar não podem tornar-se depósito de objectos colocados desordenadamente ou de livros que raramente servem. Cadeiras, almofadas, inúteis, cruces de procissão, apagadores pouco decorativos nos cantos, nada disso se permita: o lugar mais sagrado da Igreja não se pode transformar num armazém».

Por várias vezes insistiremos que nada deve permanecer nos degraus do altar: nem campainha, livro ou naveta. É a credência o lugar reservado para todos os objectos necessários, aí ficando até ao momento de serem empregados.

É proibido o uso do «gong». O uso de almofadas e genuflexórios revestidos são um privilégio pontifical.

(2) Não atravessem a capela-mor e o coro para ir à sacristia, se a disposição da Igreja o permitir. O respeito devido ao santuário merece bem um pouco de sacrifício.

PRIMEIRA PARTE

REGRAS GERAIS

Os Acólitos cumprirão todas as regras respeitantes aos seus deveres *com ordem, pontualidade e sem precipitação*.

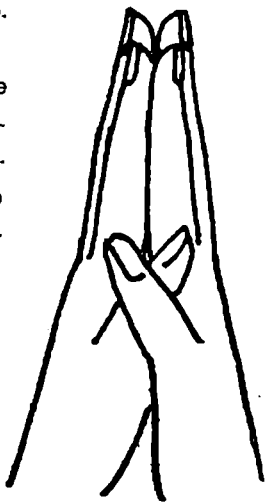
§ 1. ATITUDES

A) De pé

1 A cabeça e o corpo devem estar direitos.

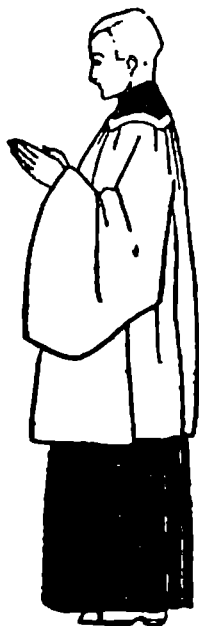
O recolhimento exige que se tenham os olhos baixos, evitando-se sempre girar com a cabeça para um lado e para o outro. Isto não convém de modo algum. Basta recordar-se do que se está a fazer.

2 Se outra atitude não for prescrita, estejam com as mãos postas (fig. 2). Palma das mãos uma sobre a outra, dedos estendidos uns contra os outros. Polegar direito sobre o polegar es-



2. Mãos postas

querdo. Braços juntos ao corpo, ante-braços em frente do peito e as mãos postas obliquamente dirigidas para cima. (v. fig. 3).



Não esqueçais que não é necessário, normalmente, inclinar a cabeça e que é pouco correcto levar as extremidades dos dedos à boca ou ao queixo.

Não baluceis as mãos postas nem para cima nem para baixo. Conservai as pernas estendidas e calcanhares unidos, de maneira que os pés formem um ângulo.

Evitai qualquer apoio na crendência, nas cadeiras, nos degraus, etc....

B) De joelhos

3. Atitude de pé

Quando estiverdes de joelhos, procurai ter a cabeça e o corpo direitos e as mãos postas, diante do peito. Joelhos e pés juntos, sem vos sentardes nos calcanhares, nem cruzar os pés. Procurai cobrir os sapatos com a batina (v. fig. 4).

C) **Sentado**

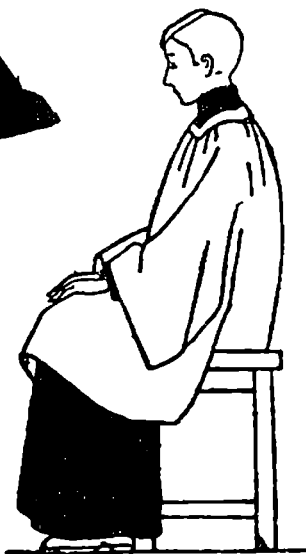
4



4. De joelhos

Todavia, se o Santíssimo Sacramento estiver exposto, mãos postas diante do peito (2), joelhos e calcanhares juntos e nunca cruzeis as pernas ou os pés.

Sempre direitos, sem vos apoiar de lado ou de costas. De olhos recolhidos, colocai as mãos com os dedos estendidos e juntos sobre o alto dos joelhos (v. fig. 5).



5. Sentado

§ 2. MOVIMENTOS

A) Como se faz o sinal da Cruz

1. COM A MÃO DIREITA ESTENDIDA



6. Sinal da Cruz

Colocai a mão esquerda, com os dedos estendidos e juntos, diante do peito. Com a mão direita, estendida como a esquerda, mas dirigida para cima e a palma voltada para vós, tocai sucessivamente com os três dedos médios, em linhas rectas e iguais, a fronte, o peito, o ombro esquerdo e o ombro direito, pronunciando ao mesmo tempo as respectivas palavras.

5

A seguir, juntai de novo as mãos (v. fig. 6).

Tocai as partes indicadas do corpo, ligeiramente, sem carregar.

Fazei-o sem precipitação, não dobrando os dedos, nem curvando em arco a mão direita.

Durante a Missa, faz-se o sinal da Cruz da maneira indicada ao pronunciar as palavras seguintes:

In nomine Patris — et Filii — et Spiritus — Sancti. Amen.

Adjutorium — nostrum — in Nomine — Domini.

Indulgentiam — absolutionem — et remissionem — peccatorum nostrorum.

Às primeiras palavras do Intróito. (excepto nas missas de Requiem)

Cum Sancto — Spiritu — in glória — Dei Patris. Amen.

Et — vitam — venturi — sæculi. Amen.

Benedictus — qui venit — in Nomine — Domini.

Indulgentiam — etc. (se houver distribuição da Sagrada Comunhão)

Pater — et Filius — et Spiritus — Sanctus. Amen.

Quando se distribuir a Sagrada Comunhão antes e depois da Missa, no «Indulgentiam» e à Bênção final.

Patris — et Filii — et Spiritus — Sancti. etc.

DURANTE AS VÉSPERAS

Imediatamente antes da oração «Aperi, Domine».

Deus — in adjutorium — meum — intende

Magnificat — anima — mea — Dominum.

2. COM O POLEGAR

Colocai a mão esquerda como indicámos acima, e a mão direita em posição horizontal. A palma voltada para os olhos. Os quatro dedos da mão estendidos e juntos, de maneira a formarem com o indicador um ângulo recto (v. fig. 7).

Fazei com a parte interior do polegar três pequenas cruces na fronte, na boca e no peito, às palavras: *sancti — Evangelii — secundum N.* Em seguida, mãos postas.



7. *Persignar*

No início do último Evangelho, também assim se deve fazer.

Durante as vésperas, quando se diz «*Aperi, Domine*», faz-se uma cruz na boca.

B) Andar

7 Caminhai como se faz ordinariamente, mas com recolhimento, dignidade e sem pressas. Sempre com a cabeça e o corpo direitos, olhos baixos, e se nada tiverdes a levar, as mãos postas diante do peito.

Nunca andeis com os braços a baloiçar e, se fordes ao lado doutro, regulai bem o passo.

C) Genuflexão

1) Com um joelho

8 Com a cabeça e o corpo bem direitos e as mãos postas diante do peito, levai a perna direita um pouco atrás e dobrai o joelho direito até que toque o chão, exactamente ao lado do calcanhar esquerdo.

Fazei a genuflexão lenta e pausadamente, mas levantai-vos logo que o joelho toque o chão. Não se baixa a cabeça durante a genuflexão com um joelho.

Antes de genuflectir, é necessário voltar-se para o objecto a venerar: não façais genuflexões oblíquas... nem genuflexões precipitadas.

Chegados ao lugar da genuflexão, começai por

parar, depois genuflecti, levantai-vos completamente e depois continuai o vosso caminho.

O Acólito genuflecte com UM JOELHO:

9

1. — No altar onde estiver o Santíssimo exposto:

a) sempre que, em serviço, passar diante do altar, por exemplo, para mudar o missal.

b) antes de subir ao altar e depois de ter descido. Faz esta genuflexão no primeiro degrau. Ex.: O Cerimoniário e o Turiferário para a imposição do incenso, o Acólito ao vir apresentar as galhetas, ao Ofertório, o Turiferário ou o Acólito quando sobem para retirar o véu d'ombros.

Esta regra vale também para todas as outras missas, quando não estiver exposto o Santíssimo, desde a Consagração à Comunhão. Assim, o Acólito genuflecte antes de subir os degraus, ao apresentar o vinho e a água para as abluções — sempre que o celebrante não tenha ainda tomado o Precioso Sangue — mas não genuflecte depois de ter descido.

c) cada vez que venha dum lugar um tanto afastado, p. ex. da credência, genuflecte ao meio do altar. Por exemplo: os Acólitos, antes do canto do Evangelho na missa Solene com exposição.

2. Noutros altares onde acolita quer esteja ou não o Santíssimo:

a) cada vez que da sacristia ou dum lugar afastado for para junto do altar ou voltar ao seu lugar. Por exemplo, no princípio da Missa, à chegada, e, no fim, à saída para a sacristia.

b) sempre que passar diante da cruz do Altar (1). Se não houver motivos para passar diante do centro do altar, não é necessário ir aí para genuflectir. Por ex., na missa rezada com dois acólitos, quando muda o missal, não é necessário virem ao centro do altar, mas o primeiro Acólito desloca-se imediata e directamente do seu lugar para o lado do sacerdote.

Do mesmo modo, ao Ofertório, quando a Missa é ajudada por um acólito, este passa directamente do seu lugar à credência.

3. Fora do seu serviço, genuflecte também:

a) sempre que entre na igreja ou na capela do Santíssimo, ou dela saia.

b) sempre que passe diante do sacrário ou diante duma relíquia exposta da Paixão (Precioso Sangue, Santa Cruz, Sagrado Espinho).

c) sempre que passe diante dum altar onde se

(1) Em certos casos, equipara-se a cruz da procissão com a cruz do altar, p. ex. durante a absolvição na essa. Ver pág. 147.

celebra a Missa, entre a Consagração e a Comunhão.

d) ao pronunciar as palavras: «*Et Verbum caro factum est*» do último Evangelho. «*Et procidentes adoraverunt eum*» do Evangelho da Epifania. «*Et procidens adoravit eum*» do Evangelho do 4.º domingo da Quaresma. «*In nomine Jesu omne genu flectatur*» da Epístola do domingo de Ramos.

2) Com os dois joelhos

10

Dobrai o joelho direito, como acima se disse, em seguida o joelho esquerdo ao lado do direito e fazei uma inclinação profunda de cabeça (13).

Depois, erguei-vos, levantando primeiro o joelho esquerdo, depois o joelho direito.

Não vos deixeis cair ao mesmo tempo sobre os dois joelhos.

Atenção. Os Acólitos nunca devem genuflectir sobre os degraus do Altar, mas sempre no solo, isto é, no plano antes do último degrau. Podem, todavia, ajoelhar no último degrau, na Missa rezada.

O Acólito faz a genuflexão com os dois joelhos quando o Santíssimo estiver exposto no trono ou à boca do sacrário:

11

1) Sempre que fora das suas funções, passar diante ou ao lado do altar. Esta regra vale também para todas as vezes que passar diante da Sagrada Mesa, quando estiverem a distribuir a Sagrada Comunhão.

2) Sempre que, no início das suas funções, chega ao altar, ou, no fim, dele sai.

3) Sempre que, em funções, deixa o altar para ir à sacristia ou a um lugar afastado, e sempre que voltar desses lugares.

Nos outros casos, no exercício das suas funções, genuflecte com um joelho, (9, 1).

Quando o acólito passa diante dum altar onde a Sagrada Hóstia está patente à veneração dos fiéis, genuflecte com dois joelhos e permanece ajoelhado:

1) À Consagração, desde o princípio até à genuflexão do sacerdote depois da elevação do cálice.

2) À bênção do Santíssimo, quer seja dada com a Custódia, quer com a píxide, até ao momento em que seja colocada no corporal.

3) Igualmente permanece ajoelhado à passagem do Santíssimo Sacramento.

D) Inclinações

Temos a distinguir:

1) Inclinação do corpo:

a) Inclinação profunda

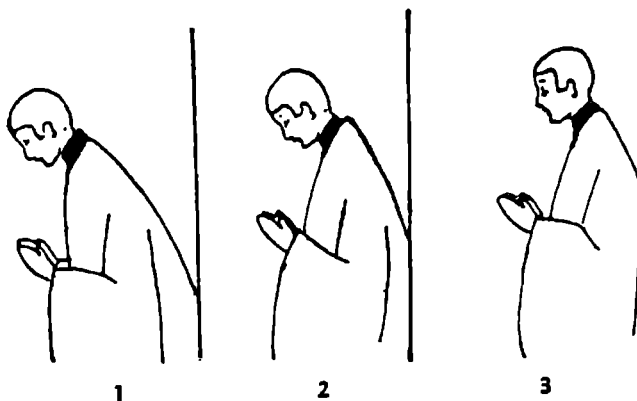
Um acólito nunca faz esta espécie de inclinações. Quando o Sacerdote ou os seus Ministros a fizerem, o Acólito deve ajoelhar, por ex. chegando ao altar,

ou permanecer ajoelhado, por ex. durante a recitação do «Confiteor».

b) Inclinação medíocre

Consiste em inclinar o corpo ligeiramente para frente (v. fig. 8, 1). Não deixeis pender a cabeça estando de joelhos, durante o «Confiteor» não apóias as mãos nos degraus do altar.

Esta espécie de inclinação será indicada sempre for necessária, no decurso deste Cerimonial.



8. Inclinações

- 1) *Medíocre de corpo*
- 2) *Profunda de cabeça*
- 3) *Leve inclinação de cabeça*

13 2) Inclinação da cabeça:

a) Inclinação profunda

Faz-se, inclinando profundamente a cabeça para a frente com ligeira inclinação dos ombros (v. fig. 8-2).

O Acólito deve fazê-la

a) durante os ofícios litúrgicos:

1) para a cruz da sacristia, à saída ou à chegada.

2) cada vez que se pronunciar o «Glória Patri» ou qualquer louvor dirigido a Deus, como, por exemplo, em vésperas: «*Sit nomen Domini benedictum*», onde for costume, na estrofe de quase todos os hinos, etc.

3) cada vez que se pronuncia o nome de «Jesus»

4) ao «Oremus»

5) durante o «Glória», às palavras: «*Deo*», «*Adoramus te*», «*Gratias agimus tibi*», «*Suscipe deprecationem nostram*».

5) durante o «Credo», às palavras: «*Deum*», «*Et incarnatus... factus est*» «*Simul adoratur*».

7) durante o Prefácio, às palavras: «*Gratias agamus Domino Deo nostro*»

8) durante o «Tantum ergo», às palavras «*Veneremur cernui*»

14 b) fora dos ofícios:

cada vez que o acólito passar diante da cruz do Altar-mor, se o Santíssimo não estiver presente.

b) *Inclinação medíocre*

Inclina-se profundamente a cabeça, deixando imóveis os ombros. Esta inclinação faz-se sempre que se pronuncie o nome de Nossa Senhora: «*Maria*».

c) *Inclinação leve*

Inclina-se levemente a cabeça (*v. flg. 8, 3*).

O Acólito faz uma leve inclinação de cabeça quando se pronuncia o nome do Santo, cuja festa se celebra, ou de que se faz comemoração; passando diante das relíquias dos Santos, ao incensá-las, etc...., e ao saudar o sacerdote, o diácono, subdiácono, coro, etc. Para o sacerdote esta saudação pode ser um pouco mais profunda. Na presença do Santíssimo exposto, não se saúda ninguém, excepto antes e depois da incensação e ao dar a paz (19).

Se alguém vos saudar, correspondei sempre.

Estando sentados, a inclinação faz-se sempre para a frente. Quando se não está sentado, a inclinação nas doxologias ou ao nome de «*Jesus*» faz-se para a cruz do altar ou para o Santíssimo, se estiver exposto.

Nos outros casos, faz-se a inclinação para a frente ou para a pessoa ou objecto que se saúda.

Notas:

1) Como se disse mais acima (9, 2), o Acólito saúda a cruz do Altar com uma genuflexão: a) à chegada e à saída; b) quando passar diante dela.

As outras saudações à cruz do Altar, por exemplo, uma inclinação de cabeça ao subir ou ao descer os degraus do Altar, não decorrer dos ofícios, serão supérfluas e devem, por conseguinte, ser suprimidas.

2) O Acólito saúda o sacerdote com uma leve inclinação de cabeça antes e depois de servir o sacerdote (15), cada vez que apresenta directamente ao sacerdote ou dele recebe um objecto. Portanto, não a faz, ao mudar o Missal, nem na Missa Solene ao levar as galhetas. Mas, deve fazê-lo na Missa rezada ou cantada sem ministros, levando o vinho e a água: antes de apresentar a galheta do vinho e também depois de ter recebido a galheta da água (ou depois de o sacerdote ter entregue a colheirinha).

Igualmente, ao «Lavabo», antes de deitar água sobre os dedos do celebrante e depois de este lhe entregar o manustérgio.

Às abluções, o Acólito genuflecte no degrau inferior antes de subir ao Altar (9, 1) e saúda o celebrante antes da primeira ablução e depois da segunda.

Chegado ao supedâneo do Altar, vai à credência sem ser preciso de novo ajoelhar ou saudar o celebrante.

16 E) Como se deve voltar

Nunca volteis as costas ao altar ou à pessoa mais elevada em dignidade. Na maior parte dos casos, pode isso evitar-se voltando pelo lado de dentro.

Evitai sempre fazê-lo com precipitação.

F) Como se deve descer

17

Antes de descer os degraus do Altar, começai por vos voltardes (16), mesmo que haja só um degrau, e, depois, descei.

Não é necessário voltar-vos ao chegardes ao último degrau, mas, se não for prescrita qualquer genuflexão, continuai o vosso caminho.

Atendei que não é necessário descer de costas, mesmo que o Santíssimo esteja no Altar ou exposto.

G) Como se devem beijar os objectos

18

Durante as funções, o Acólito beija os objectos (barrete, hissopo, galhetas, turíbulo e a colher do incenso) quando os entrega ou os recebe directamente do celebrante.

Contudo, não beija a mão do celebrante, a não ser para receber a vela e os ramos bentos.

Na presença do Santíssimo exposto, no decorrer dos ofícios fúnebres e em Sexta-feira Santa, os acólitos não beijam nenhum dos objectos que oferecem ao sacerdote.

H) Como se dá a Paz (1)

19

(1) Na prática, deve o sacerdote responsável verificar se as circunstâncias aconselham ou não a observância desta rubrica.

Para dar a Paz, voltai-vos de mãos postas para aquele a quem a trazeis. Sem saudar, colocai levemente as palmas das vossas mãos e os ante-braços sobre os braços daquele que vai receber a paz; inclinai-vos para a direita e aproximai a vossa face esquerda da sua face esquerda dizendo: «*Pax tecum*».

Aquele que a recebe tem as mãos postas e saúda com uma leve inclinação de cabeça (15) aquele que lhe leva a Paz.

Abre as mãos e, com elas estendidas e as palmas das mãos voltadas para cima, desce os ante-braços, de maneira que formem um ângulo recto com os braços. Inclina-se também para a direita, como acima indicámos, e responde: «*Et cum spiritu tuo*».

Ambos se indireitam, juntam as mãos e se saúdam com leve inclinação de cabeça (15).

20 1) Como se bate no peito

Colocai a mão esquerda aberta um pouco abaixo do peito, ficando o braço junto ao corpo. Colocai a mão direita, meio aberta, de maneira que a parte interior do polegar toque o indicador: sem dobrar os dedos ou fechar a mão em punho cerrado, levari a mão direita ao peito, tocando apenas com a extremidade dos dedos. Batei assim três vezes no peito

discretamente e sem precipitação, juntando depois as mãos (1).

O Acólito bate no peito quando diz, no «Confiteor»: «*mea culpa*», ao «*miserere nobis*», ao «*dona nobis pacem*» do «Agnus Dei» e ao «*Domine non sum dignus*» dito pelo sacerdote, voltado para o povo, quando o Acólito comunga. Portanto, não o faz durante o «Confiteor» do sacerdote, nem ao «Agnus Dei» das Missas de defuntos, nem ao «*Domine, non sum dignus*» que precede a comunhão do sacerdote.

É permitido bater uma vez no peito ao «*Nobis quoque peccatoribus*».

21

Nota: Simultaneidade de movimentos.

É extremamente necessário, para dignidade e beleza do culto, que todos os movimentos que os vários acólitos devem fazer em conjunto, sejam executados uniforme e simultâneamente. Por exemplo: andar, ajoelhar, rezar as orações, sentar, levantar, etc.... tudo isto se deve fazer ao mesmo tempo e da mesma maneira.

Para conseguir esta simultaneidade, são necessários muitos exercícios, a fim de cada um saber o que tem a fazer sem estar à espera de ver como fazem os outros.

Além disso, é necessária uma atenção pronta e con-

(1) Se não estiverdes ajoelhados, fazei ao mesmo tempo uma leve inclinação.

tínua aos sinais do Cerimoniário (48) e assim se evitará toda a desordem e a tão desedificante confusão.

§ 3. FUNÇÕES

A) Como se acendem e apagam as velas

22 1. Número de velas exigidas para o culto.

Para a Missa solene: seis. Para a Missa cantada sem ministros: quatro ou seis. Para a missa rezada, duas (1). Podem acender-se quatro velas na Missa rezada Paroquial, Missa de comunidade, nas Missas com solenidade externa, como Missa de casamento, aniversário, etc.

Para as Vésperas: seis velas para as Vésperas solenes, cantadas por um sacerdote revestido de capa e assistido por dois ministros igualmente de sobrepe-liz e capa; quatro velas para as Vésperas cantadas por um sacerdote só, revestido de capa; duas velas para as Vésperas ordinárias.

Para a Bênção do Santíssimo: seis velas se o Santíssimo é exposto na píxide; doze (ou seis, segundo alguns) para a exposição na custódia. Para as exposições solenes da Adoração Perpétua, Quarenta Horas, etc....: vinte.

(1) Mais adiante se falará na vela da elevação.

Nunca as apague, soprando, porque mancha sempre as toalhas do altar (2).

25 B) Como se deve responder

Articulai sempre com clareza cada sílaba, de maneira que o sacerdote vos possa sempre compreender. Para isso estudei a pronúncia latina e observai as pausas.

Não comeceis a responder antes de o sacerdote ter acabado e nunca mais alto que o sacerdote, sobretudo quando se estejam a celebrar, ao mesmo tempo, outras missas.

Nas Missas dialogadas, o Acólito responde com as pessoas presentes. Sempre que os cantores respondam, não o devem fazer os acólitos, como, por exemplo, na Missa Solene e na Missa cantada sem ministros. Fazem bem se recitarem as partes invariáveis da Missa (Kyrie, Glória, Credo, Sanctus, Agnus Dei) quando o sacerdote os recita.

(2) Convém limpar frequente e cuidadosamente o apagador, porque a cera que a ele adere, liquefaz-se com o calor e, ao apagar as velas, pode manchar as toalhas do altar.

C) Como se devem levar os objectos

Geralmente, levam-se com a mão direita, colocando a mão esquerda sobre o peito.

Quando dois acólitos caminham um ao lado do outro levando objectos iguais (velas) deve seguir-se esta regra: aquele que vai à direita leva-os na mão direita, e o que caminha à esquerda, na mão esquerda. A outra mão, colocada sobre o peito.

Todavia, os dois turiferários, numa procissão onde for o Santíssimo, devem conduzir o turíbulo do lado interior.

1. O Turíbulo

26

a) Leva-se o turíbulo fechado, sustentando-o pelo cadeado, com a mão esquerda fechada, de maneira que a cápsula fique apoiada no polegar e no indicador.

Ajusta-se o braço ao corpo e conduz-se o turíbulo, de lado, de maneira a não prejudicar o andamento (v. fig. 9).

Cada vez que se impõe incenso, leva-se o turíbulo desta maneira, mas com a mão direita.

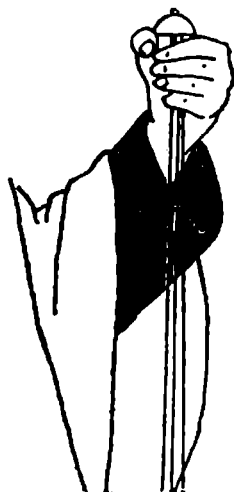
Não se deve baloiçar o turíbulo a toda a largura, excepto, mas com discrição e lentamente, nas procissões em que propositadamente se impuser incenso. Neste caso, conserva-se a mão livre estendida sobre o peito.

Só por ocasião da incensação e nas diferentes incensações que se seguem é que se pega no turíbulo com as duas mãos (54-2).

b) O turiferário procurará ter sempre o turíbulo aceso. No caso dum intervalo mais longo, leva-o à sacristia para o reacender. Nos intervalos pequenos pode conservar-se junto da credência(1).

Conservando-o na mão esquerda preso pelo cadeado, faz subir com a mão direita a argola e levanta um pouco o opérculo, passando depois para a mão direita, baloiçando-o suavemente.

Evitai soprar as brasas: não é asseado e faz espalhar as cinzas. Não sujeis a sobrepeliz e procu-



9. Como se leva o turíbulo

(1) O Turiferário conserva sempre o turíbulo nas suas mãos sem nunca o pendurar onde quer que seja e só ele o deve levar à sacristia.

rai evitar que a sobrepeliz se queime. Deveis evitar também reavivar de tal maneira as brasas que levantem chama; o que seria particularmente desagradável no momento da imposição do incenso.

2. A naveta

27.



10. Como se leva a naveta

Regra geral, o turiferário conduz não somente o turíbulo, mas também a naveta, e apresenta-a para a imposição do incenso. Entretanto, para maior facilidade, e sobretudo quando não há diácono, o Cerimoniário ou um Acólito pode entregar a naveta.

Quando o Turiferário leva ao mesmo tempo a naveta e o turíbulo, segura-a pelo pé, entre o polegar e os restantes dedos da mão direita, e em frente do peito (v. fig. 10). Quando não leva senão a naveta, deve conservar a mão esquerda estendida sobre o peito.

Os outros acólitos conduzem-na da mesma maneira.

28 3. A caldeirinha e o hissope

Leva-se a caldeirinha na mão esquerda, pegando pela asa, e diante de si, à altura do braço esquerdo dobrado (v. fig. 11). A mão direita vai estendida sobre o



11. Como se leva a caldeirinha

a não ser que se leve também o hissope.

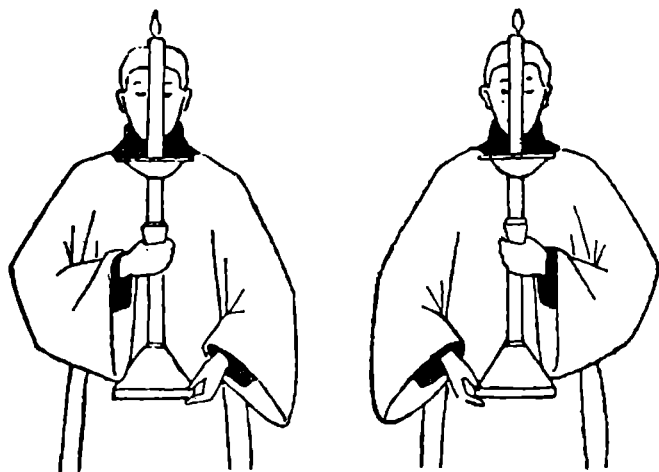
29 4. Os ciriais

O Acólito pega no cirial por baixo do nó e sempre com a mão que dá para o lado de fora, sustentando, com a outra mão, a base, e conduzindo-o direito diante de si e não de lado (v. fig. 12).

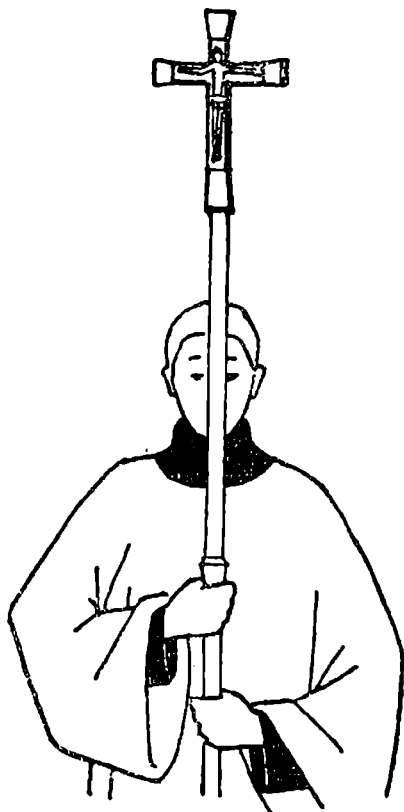
Importa que vá sempre direito e à mesma altura do que vai ao lado.

Quando vos voltardes, não vos esqueçais de mudar de mão o castiçal.

Se vos ajoelhardes ou tiverdes de fazer qualquer



12. Como se levam os ciriais



13. Como se leva a Cruz

inclinação, não inclineis o castiçal; isso faria correr a cera. Não o apoiéis nos quadris.

5. A Cruz da procissão

Levai a cruz da procissão direita, diante de vós, não agarrada mas perto do corpo. Por isso, conservai os braços justos ao corpo e pegai na haste com ambas as mãos, ficando a mão direita acima da mão esquerda.

Que a Cruz não ultrapasse muito os

ciriais e levai-a sempre bem direita com a figura de Jesus para a frente (v. fig. 13) (1).

(1) Não convém empregar uma correia para segurar a cruz. Para os percursos mais longos, se for necessário, um segundo acólito pode substituir de tempos a tempos o crucífero.



14. Como se pega na vela

Levam-se sempre na mão que dá para o lado de fora, excepto acompanhando o Santíssimo Sacramento, neste caso leva-se na mão interior, conservando a outra estendida sobre o peito (v. fig. 14).

Pegai-lhe ao centro ou um pouco abaixo do resguardo, se o tiver, sempre direita e ao

mesmo nível da que vai ao vosso lado.

O número de ceroferários varia segundo a solenidade dos ofícios: dois para uma missa rezada com qualquer solenidade externa; dois ou quatro nas Missas cantadas e nas Missas de defuntos; quatro, ou pelo menos dois, nas Missas Solenes.

Não apagueis a vela antes de chegar à sacristia e observai até lá a conduta prescrita.

7. Os livros litúrgicos

a) O MISSAL

Quando levardes o missal da sacristia para o altar,

levai-o sobre o ante-braço esquerdo, com as folhas voltadas para a esquerda e a mão direita sobre a lombada do livro (v. fig. 15).

Ao apresentardes a água benta ou receberdes o barrete do celebrante, deixai pousar a parte superior do missal sobre o peito.



15. Como se leva o missal

Quando tiverdes de levar um livro, por exemplo, quando o Cerimoniário leva o Epistolário ou o Evangelário, na Missa Solene, levai-o com ambas as mãos sustentando-o pelos cantos inferiores e com as folhas voltadas para o Altar.

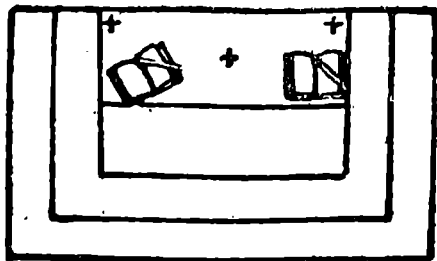
Braços justos ao corpo e o livro direito diante de vós.

c) *Quando se muda o missal*

34

1) Logo que o sacerdote termine a epístola, o acólito responde «Deo gratias», deixa o seu lugar, genuflecte ao centro, diante da cruz do Altar e vai colocar-se no penúltimo degrau do Altar, sem fazer qualquer saudação. Sempre que o celebrante o fizer, genuflecte ou inclina a cabeça.

Quando este for para o centro do altar, o acólito sobe ao supedâneo, toma a estante com o missal e desce (17). Vai ao longo dos degraus, genuflecte ao centro, sobe ao altar pelo lado e depõe obliquamente o missal (v. fig. 16). Volta-se, desce os degraus do



16. Como se coloca o missal no lado da Epístola e no lado do Evangelho

altar e espera voltado para o sacerdote, respondendo (1) e fazendo o tríplice sinal da cruz (e inclinação de cabeça ao nome de Jesus).

A seguir, volta-se de lado do

Evangelho, genuflecte ao centro e vai para o seu lugar

2) Depois das abluções, o acólito passa directamente da credência ao lado do Evangelho (2), genuflectindo ao centro diante da cruz do altar (9, 2). Sem prévia saudação, toma o missal, volta-se, desce e transporta-o como se indica acima. No lado da Epístola, coloca o livro sobre o altar, não obliquamente, mas direito (v. pág. 16) (3). Depois de ter oferecido ao sacerdote o véu do cálice, volta ao seu lugar, no lado do Evangelho.

(1) Entretanto, o celebrante chega ao lado do Evangelho, o acólito responde antes de descer.

(2) É um erro, que se introduziu por analogia com a rubrica da missa solene, levar o véu do cálice para a credência. O acólito pode colocar o véu do cálice junto do corporal e depois irá buscar as galhetas à credência.

(3) É proibido ao Acólito (e também ao sacristão) folhear o missal, para o abrir na página da antífona da Comunhão.

D) Como se devem entregar e receber os objectos

Quando se tenha de apresentar ou de receber um objecto com uma só mão, emprega-se sempre a *mão direita*.

Não esqueçais de pôr em prática as regras da saudação ao celebrante (15) e de beijar os objectos.

1. A água benta

35

Para oferecer água benta, humedecei o bordo dos dedos da mão direita, semi-aberta, na pia da água benta. Abri, depois, completamente a mão e ofereci-a com os dedos estendidos àquele que vai ao vosso lado ou que vai atrás de vós (1).

Não se oferece água benta antes do «Asperges» e do «Vidi Aquam», nem no regresso dum acto litúrgico.

2. A caldeirinha da água benta e o hissopo

36

O acólito oferece o hissopo: se directamente ao sacerdote, pega-lhe deixando livre a parte superior do hissopo, beijando a extremidade antes de o ofe-

(3) Quando levam ciriais, os acólitos não recebem água benta.

recer (18); mas se o entrega a um assistente (diácono ou cerimoniário) pega-lhe pelo cabo.

Oferece-se a caldeirinha, conservando-a a uma altura conveniente e de tal sorte que a asa não impeça o sacerdote ou o assistente de humedecer o hissope na água benta, sacudindo-o ligeiramente por cima da caldeirinha.

37 3. A naveta

Se é o turiferário que apresenta a naveta, entrega-a fechada a quem a deve receber: cerimoniário, diácono ou sacerdote.

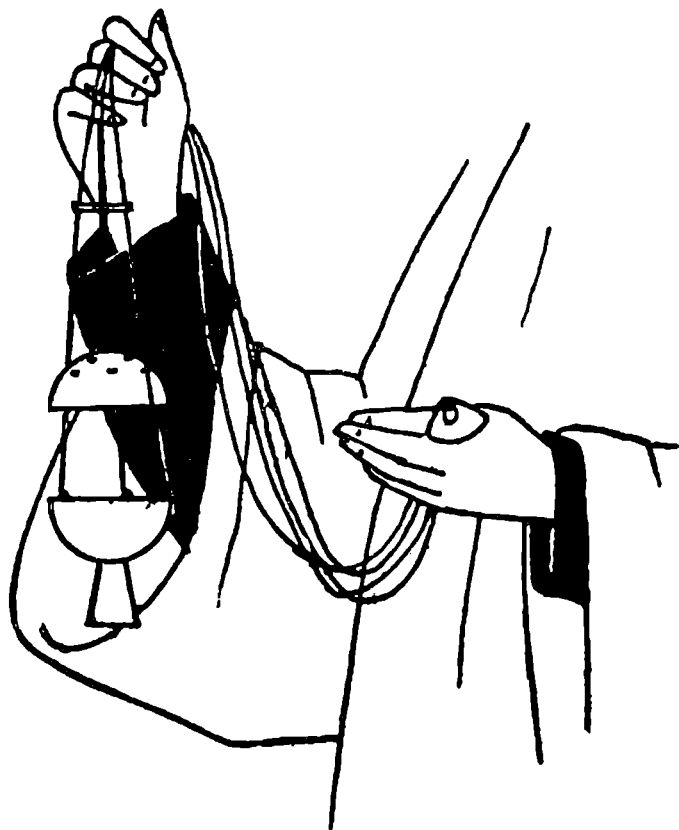
Um outro acólito deve antes abrir a naveta e ver se a colherinha está em posição de poder facilmente ser tomada.

Segura-se a naveta pelo pé e com a abertura voltada para a esquerda, quando tiver de se oferecer.

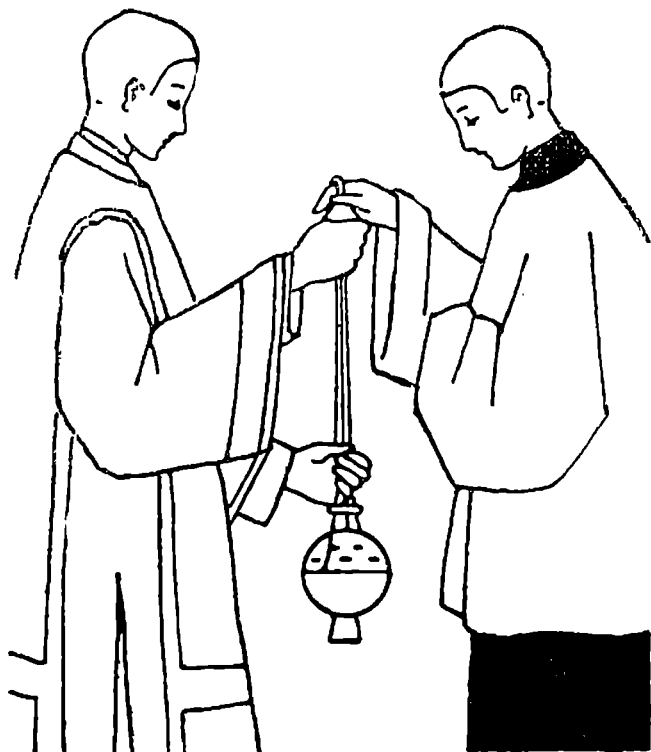
Quando o cerimoniário substitui o diácono na apresentação do incenso, conserva a naveta com ambas as mãos. Beija o cabo da colherinha (17) que, por esta razão, tem segura entre o bordo da naveta e o polegar direito, aproxima a naveta do turíbulo e diz inclinando-se levemente para o sacerdote: «*Benedicite, Pater reverende*» (1). De novo, ao receber a naveta,

(1) Se o Santíssimo estiver exposto e nos ofícios de defuntos, não se beija a colherinha. A Bênção do Santíssimo, não se pede a bênção do incenso.

deve pegar-lhe no pé. Eventualmente, beija-se a colher antes de fechar a naveta. Se for o turiferário a oferecer a naveta ao assistente, fecha primeiramente o turíbulo (39), toma na mão esquerda a naveta, que



17. Como se apresenta o turíbulo para a imposição do incenso



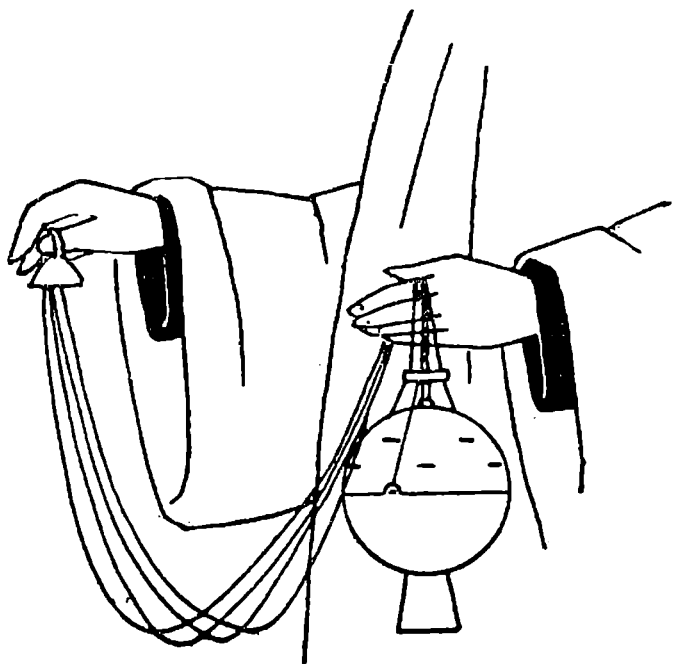
18. Como se entrega o turíbulo a um ministro (diácono ou ao cerimoniário)

o assistente havia conservado na sua mão até então, e oferece o turíbulo com a mão direita (39).

38 4. O Turíbulo

Imposição de incenso. O turiferário abre o turíbulo ~~(26-41)~~. Com a mão direita levanta o opérculo à al-

tura devida, conserva-o imóvel, voltado para o sacerdote de tal maneira que os cadeados não impeçam a imposição do incenso (v. fig. 17). Depois da imposição do incenso e abençoado este (na Bênção do Santíssimo não existe esta bênção) deixa fechar o opérculo do turíbulo, sem o deixar ir ao chão, conservando a mão esquerda por debaixo da cápsula superior, enquanto com a mão direita deixa cair o cadeado do opérculo e o anel móvel.



19. Como se entrega o turíbulo ao que deve incensar

39 a) Na Missa e em Vésperas

1. Para passar o turíbulo a um ministro que, por sua vez, o tenha de passar ao sacerdote, tomai-o com a mão direita pelo anel da cápsula e deixai-o pendurar a toda a altura do cadeado de maneira que lhe possa pegar com as duas mãos. Eventualmente, pegai na naveta com a mão esquerda antes de apresentar o turíbulo; caso contrário, conservai a mão esquerda aberta diante do peito (v. fig. 18).

40 2. Quando apresentardes directamente o turíbulo àquele que deve incensar e que vos seja necessário conservar ao mesmo tempo a naveta, entregai o turíbulo como se ensina acima (39). No caso de não terdes de vos ocupar com a naveta, tomai o turíbulo com a mão direita na cápsula superior e com a mão esquerda em baixo, perto do opérculo (v. fig. 19).

Beijai em primeiro lugar o bordo da cápsula, depois entregai o turíbulo: o sacerdote ou o diácono deve recebê-lo com a mão direita; ao mesmo tempo, dirigi a extremidade superior do cadeado para a esquerda.

41 b) À Bênção do Santíssimo

Depois de ter fechado o turíbulo, pegando-lhe com as duas mãos, ide ajoelhar-vos no primeiro degrau do Altar. Dai-o ao diácono de tal maneira que ele o possa receber com a mão esquerda, ficando a extremidade do cadeado na sua mão direita.

Se tiverdes de o entregar directamente ao sacerdote, fazei-o como se descreveu acima (40) sem beijar o bordo da cápsula.

Para o receber, pegai-lhe com as duas mãos e ao lado das mãos do que vo-lo passa. Se o receberdes directamente do sacerdote, beijai o bordo da cápsula.

Depois de o turiferário o receber, leva-o com uma só mão, ficando a outra estendida sobre o peito, a não ser que tenha de incensar alguém (45, 2).

5. As galhetas

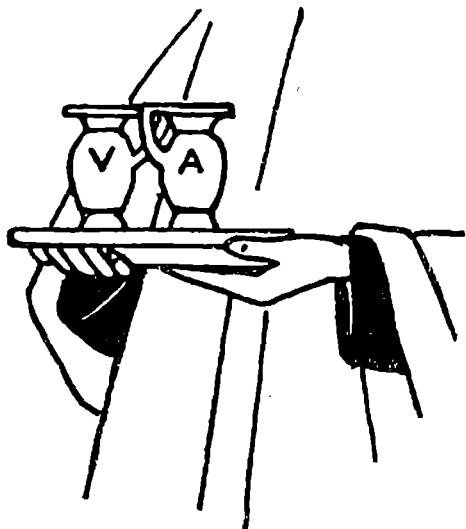
a) *Na Missa solene*, apresentai as galhetas em cima do respectivo prato: a galheta do vinho com a asa voltada para vós e a galheta da água com a asa voltada para a frente. Colocai-vos nos penúltimo degrau do altar e perto do subdiácono, voltado para ele sem pousar o que levais em cima do altar (v. fig. 20) (1).

Às abluções, as asas das galhetas devem estar voltadas para a frente.

Logo que o subdiácono coloque as galhetas em cima do pratinho, voltai para o vosso lugar.

b) *Na missa cantada sem ministros e na missa*

(1) Em Portugal, onde é costume a colherinha ir no prato das galhetas, pode, nas missas rezadas, fazer-se a apresentação das galhetas como se indica na pág. 22 mas com a asa da galheta do vinho voltada para o celebrante. (N. do T.)



20. Como se apresentam as galhetas na Missa Solene

rezada, apresentai as galhetas segurando-as pela base: a do vinho, na mão direita com a asa para a frente; a da água, na mão esquerda. (fig. 21). Nunca se devem colocar as galhetas em cima do altar, o que poderia sujar as toalhas.

Tomam-se as ga-

lhetas pela parte mais bojuda, se não tiverem asas, no ofertério e, pela base, nas abluções.

Em seguida, ide colocar-vos no penúltimo degrau do Altar, do lado da Epístola, voltado para o sacerdote.

Quando o sacerdote se aproximar de vós, saudai-o com uma leve inclinação de cabeça, beijai a asa da galheta do vinho e oferecei-lha.

Enquanto este deita o vinho no cálice, tomai a galheta da água na mão direita pelo pé se o sacerdote se servir da colherinha).



21. Como se apresentam as galhetas na missa rezada

Em seguida, recebei a galheta do vinho com a mão esquerda e quando o sacerdote se tiver servido da água ou entregar a galheta da água, saudai-o com uma leve inclinação de cabeça, voltando, em seguida, para a credência.

6 A patena da comunhão

44

Recebei a patena da comunhão com as duas mãos,

entre o polegar e os dedos, na extremidade para isso reservada. Colocai-a horizontalmente por debaixo do queixo e, logo que tiverdes comungado, passai-a aos outros acólitos que queiram comungar.

45 E) A Incensação

1. Saudações durante a incensação

Quando se incensa o Santíssimo, o acólito deve permanecer de joelhos e faz antes e depois da incensação uma inclinação medíocre de corpo (12) ou uma inclinação profunda de cabeça (13).

Antes e depois da incensação duma relíquia exposta da Paixão (18) ou da cruz do Altar, fazei a genuflexão com um só joelho sem inclinação de cabeça, ao lado do sacerdote ou do diácono, no momento em que eles fazem a genuflexão ou a inclinação de cabeça.

2. Maneira de incensar

Quando tiverdes de incensar, pegai na extremidade do cadeado com a mão esquerda entre o polegar e o indicador e por debaixo da cápsula e, nessa posição, colocai a mão sobre o peito. Na mão direita e com a palma voltada para nós, entre o indicador

e o dedo maior, segurai a outra extremidade do cadeado um pouco acima do opérculo e do anel móvel, de tal maneira que a parte inferior do cadeado caia sobre os três últimos dedos. Levantai depois o turíbulo à altura do tronco.

Antes de o levantar, fazei a inclinação prescrita (45, 1).

Sem mover o corpo, nem deslocar a mão esquerda, levantai em linha recta o turíbulo a uma certa distância e à altura dos olhos (a esta elevação dá-se o nome de *ductus*) e baloiçai de frente para cima



22. Maneira de pegar no turíbulo durante a incensação

(este movimento chama-se *ictus*). Baixai à altura do tronco e depois fazei de novo a inclinação prescrita (v. fig. 22).

3. Número de «ductus» e de «ictus»

Este número varia segundo a dignidade das pessoas e dos objectos que se devem incensar.

Assim, devem incensar-se com:

a) três *ductus*, e cada um com dois *ictus*:

— o Santíssimo exposto

— a cruz do Altar

— as relíquias da Paixão

— o Bispo

— o celebrante (a não ser que o Prelado esteja presente no trono)

— o Evangelário

b) três *ductus* de um *ictus*:

— os objectos a benzer

— o coro, quando se incensa colectivamente, bem como, os ceroferários

— o povo

c) dois *ductus* de dois *ictus*:

— as relíquias dos santos

— os ministros superiores revestidos de paramentos (por exemplo: diácono e subdiácono, os dois assistentes e os cantores de capa em Vésperas)

- os prelados que não forem bispos
- os cónegos com hábito coral
- o celebrante na presença do Bispo.

d) *um ductus de dois ictus:*

— todo aquele que, tendo hábito coral, deva ser incensado individualmente (por exemplo, o cerimoniário)

Nota: Quando se incensa colectivamente um grupo de pessoas, faz-se com um «ictus» a cada «ductus». Estes três ductus, com um ictus sòmente, limitam-se a um levantar e descer do turíbulo, uma vez em frente, outra à esquerda do turiferário e outra à direita.

F) Quando se devem levantar os paramentos

46

1. Sempre que o celebrante e os ministros se sentam

a) à Missa e a Vésperas com assistência de diácono e subdiácono, o primeiro acólito dá o barrete ao celebrante quando este se senta. Em seguida, os dois acólitos dão ao diácono e ao subdiácono os seus barretes. Se os ministros estão revestidos de dalmática e tunica abertas ou de capa, os dois acólitos seguram pela extremidade, com ambas as mãos, os paramentos, levantam-nos um pouco de molde a

evitar que se sentem em cima deles, ou a eles se encostem.

b) à Missa ou a Vésperas sem assistentes, o primeiro acólito apresenta o barrete ao celebrante e ambos levantam ao mesmo tempo, a casula ou a capa. Quando o celebrante se levanta e entrega o barrete, é o primeiro acólito que o recebe (18).

2. À consagração

Sòmente depois de o celebrante ter ajoelhado, imediatamente antes de cada elevação, é que pegais na casula pelo bordo lateral, perto do meio e a levantai ligeiramente.

Logo que o celebrante colocou no corporal a sagrada hóstia e o cálice e antes de genuflectir a segunda vez, deixai cair a casula que havíeis levantado ligeiramente.

Levantareis a casula com a mão esquerda se tiverdes a campainha ao vosso lado. Se não tiverdes de tocar a campainha, com a mão direita. E, neste caso, igualmente pegareis na casula também com a mão esquerda, mas ao meio do bordo inferior.

Se a missa for ajudada com dois acólitos, o primeiro pega na casula com a mão esquerda e o segundo com ambas.



23. Como se levanta a casula durante a elevação

3. Durante a incensação e quando se caminha

Se o cerimoniário deve levantar a casula do celebrante à incensação (por exemplo, numa missa cantada sem ministros, se lhe for permitido fazê-lo) indo à sua esquerda, segura a casula pela altura do cotovelo do celebrante com a mão direita e tem a esquerda estendida sobre o peito. Estando à direita, muda a posição das mãos.

Quando o cerimoniário ou o turiferário tenha de levantar a capa à incensação, fá-lo com a mão esquerda à altura do cotovelo do que incensa, conservando a parte inferior da capa na mão direita (v. fig. 24).

Quando tiver de levantar a capa, ao caminhar, pegá-lhe com a mão interior, perto do canto inferior. A outra mão fica estendida sobre o peito.

47 G) A campainha

Fora das funções religiosas, o lugar da campainha é na credência.

Durante a Missa, deve tocar-se a Sanctus e durante a Consagração a cada elevação, quando o celebrante genuflecte, eleva a Sagrada Hóstia ou o cálice e genuflecte de novo.

Nesses momentos, é obrigatório tocar em todas as



24. Modo de pegar na copa durante a incensação

missas. As excepções a esta regra vão mencionadas, mais abaixo, na página 65.

Se o uso o consente, pode tocar-se:

— à saída da sacristia, com a sineta que lá existia, ou ao começo da missa, com a campainha do Altar, antes de o sacerdote começar as orações ao pé do altar. É apenas um aviso de que a missa paroquial ou da comunidade vai começar. Para as outras missas, é supérfluo fazê-lo.

— um pouco antes da consagração, ao «*Hanc igitur*» quando o sacerdote fizer as cinco cruzes sobre as oblatas.

— à elevação menor.

— ao «*Domine, non sum dignus*» cada vez que o sacerdote bate no peito.

Estes dois últimos toques não são propriamente conformes com as rubricas mas há o costume.

Em particular, o toque ao «*Domine, non sum dignus*» é supérfluo nas missas rezadas e nas missas cantadas em que o povo participa activamente.

A bênção do Santíssimo pode-se tocar quando o sacerdote se volta para o povo e faz o sinal da cruz (uma vez) e quando coloca o Santíssimo no corporal (outra vez).

Quando tocardes, fazei-o com discrição, sem prolongamentos escusados.

As campainhas têm por fim chamar a atenção dos fiéis para as partes mais importantes da Santa Missa e não são um concerto de carrilhões, nem uma prova

sobre os talentos do acólito... Evite-se sempre que ao deslocar a campainha para a credência ela toque inútilmente, o que iria distrair o celebrante e os fiéis.

Recordai que não se deve tocar na missa rezada:

— quando o Santíssimo está exposto solenemente na igreja

— se estiver a celebrar, ao mesmo tempo, uma missa cantada ou dialogada

— durante o Ofício coral

— quando uma procissão circula ou entra na igreja.

H) O Cerimoniário (1)

48

É dever do Cerimoniário verificar e diligenciar que todos os objectos requeridos para os actos religiosos estejam, a tempo, no seu lugar.

Por esta razão, elaborará, se necessário for, uma lista desses objectos. É ele que dirige as cerimónias. Deve, portanto, estar não só ao corrente dos seus próprios deveres mas também do desenrolar geral das cerimónias e das funções dos outros acólitos.

No momento próprio e duma maneira discreta, faz os sinais e os chamamentos necessários aos interessa-

(1) Sobre a conveniência dum cerimoniário que não tenha ordens, deixa-se ao critério do sacerdote responsável, que atenderá a várias circunstâncias, como, por exemplo, conduta, idade, etc.

dos bastando, para um gesto de convite, uma ligeira inclinação de cabeça; para fazer executar um movimento conjunto, bater levemente as palmas. Se necessário for, poderá dizer em voz baixa o que cada um terá a fazer.

O Cerimoniário ocupa o primeiro lugar entre os acólitos. Por isso, caminha no meio ou à direita do acólito que o acompanha. Ao contrário, se vai acompanhar o sacerdote ou os ministros sagrados, deixa-lhes a precedência e caminha à sua esquerda.

O Cerimoniário procurará que tudo se passe com o máximo aprumo e ordem e que todos os ministros e acólitos exerçam correctamente as suas funções. Ele mesmo deve estar sempre atento e ser exemplar em todas as coisas, sem nunca procurar colocar-se em evidência.

SEGUNDA PARTE

A MISSA REZADA

§ 1. MISSA REZADA E AJUDADA POR UM ACÓLITO (1)

A missa rezada deve ter normalmente um único acólito. São permitidos dois acólitos nas missas paroquiais (missa de comunidade), ou, então, nas missas acompanhadas duma certa solenidade externa, como na missa do casamento, aniversário, etc.

O acólito deve unir-se ao sacrifício, seguindo a *Santa Missa* (2). Desejando comungar, fá-lo no momento próprio da Missa a que ele ajuda: para isso pedirá ao sacerdote que coloque na patena uma hóstia pequena, se não se celebrar num altar onde esteja o Santíssimo.

(1) Aqui, como nas explicações seguintes, supõe-se que os acólitos estejam ao corrente das regras gerais da Primeira Parte. Para maior facilidade, entretanto, indicamos, em número à parte, o número marginal referente a cada aplicação.

(2) Aqui se vê, também, a capital importância duma sólida formação litúrgica e a necessidade dum recrutamento suficientemente largo para que cada acólito ajude só a uma Missa e não haja sacerdotes que tenham de celebrar sem acólito.

A não ser que a sua função o leve para outro lugar, o acólito deve conservar-se na base do altar, na extremidade do último degrau:

—do lado do *Evangelho*: desde o começo da missa até à *Epístola*; depois da comunhão até à bênção.

—do lado da *Epístola*: do *Evangelho* até à comunhão e do último *Evangelho* até ao regresso à sacristia.

O acólito permanece ajoelhado neste lugar, excepto durante os dois evangelhos. No começo da Missa, durante as orações ao pé do altar, permanece de joelhos no plano abaixo do primeiro degrau, perto do sacerdote e à sua esquerda. Nas orações depois da missa, coloca-se à direita do sacerdote.

À consagração, o acólito ajoelha-se no degrau superior, detrás do sacerdote e um pouco à sua direita.

1. A PREPARAÇÃO (1)

O acólito revestido da sua batina e sobrepeliz, acende primeiramente as velas (22-23). Vê se as galhetas e o manustérgio estão preparados na credência (2) e, se for necessário, coloca a estante no altar, no lado da *Epístola*.

Na sacristia, oferece ao sacerdote o cordão da

(1) As rubricas que, em certos casos, não têm aplicação, vão entre parênteses quadrados: [.....]

(2) O manustérgio não se deve colocar em cima do altar, nem preso às toalhas. Podem-se, todavia, cobrir as galhetas com o manustérgio.

alva com a parte mais longa, a que termina pelas borlas, na mão direita. Repara e corrige, se necessário for, para que a alva caia convenientemente e a igual altura em toda a roda. Se o acólito não for clérigo não deve apresentar ao sacerdote mais nenhum ornamento litúrgico.

Logo que o sacerdote se paramente, [o acólito pega no missal (32) ou eventualmente no prato com as galhetas e] faz com o celebrante uma inclinação profunda à cruz da sacristia (13 A). Ao sair, oferece-lhe água benta (35) e faz também o sinal da cruz e pode dar uma sinal com a campainha se for costume.

Precede o sacerdote com os olhos baixos e mãos postas, se nada tiver que levar nas mãos.

Se a sacristia é por detrás do altar com comunicação pelos dois lados, convém entrar pelo lado do Evangelho e voltar à sacristia pelo lado da Epístola.

Não se esqueçam as regras referentes às genuflexões (9, 3 e 11) e às inclinações (13 B.).

2. DO COMEÇO DA MISSA ATÉ AO OFERTÓRIO

Chegado ao altar, o acólito coloca-se à direita do celebrante. [Se a sacristia é do lado da epístola, o acólito afasta-se um pouco para deixar passar o sacerdote entre ele e o altar]. O acólito recebe o barrete e beija-o (18); enquanto o sacerdote saúda

o altar, faz a genuflexão requerida, (9, 2). Leva o barrete à credência [e vai pelo lado da Epístola colocar o missal na estante, com as folhas voltadas para o centro do altar. Deixa o missal fechado e desce pelo mesmo caminho, toca a campainha, se for costume], genuflecte ao centro, diante da cruz do altar (9, 2), vai colocar-se no lado oposto ao missal e ajoelha no degrau inferior.

Quando o celebrante desce do altar, o acólito ajoelha no plano antes do primeiro degrau, à esquerda do sacerdote e perto dele, um pouco atrás, e responde (25).

ORAÇÕES DE PREPARAÇÃO E LEITURAS (1)

Celebrante: In nomine † Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.
Amen.

Antífona:

C.: Introibo ad altare Dei.

Acólito: **Ad Deum, qui lætificat juventutem meam.**

Salmo 42

C.: Judica me, Deus, et discérne causam meam de gente non sancta: ab hómine iníquo et dolóso érueme.

(1) A pequenina cruz colocada no texto latino quer dizer que se deve fazer o sinal da cruz (5, 6) e as palavras em *itálico* indicam uma inclinação profunda de cabeça.

A.: Quia tu es, Deus, fortitudo mea: quare me repulisti, et quare tristis incédo, dum affligit me inimicus?

C.: Emítte lucem tuam et veritatem tuam: ipsa me deduxérunt, et adduxérunt in montem sanctum tuum et in tabernácula tua.

A.: Et introibo ad altare Dei: ad Deum qui lætificat juventutem meam.

C.: Confitébor tibi in cíthara, Deus, Deus meus: quare tristis es, anima mea, et quare contúrbas me?

A.: Spera in Deo, quoniam adhuc confitébor illi: salutare vultus mei et Deus meus.

C.: Glória Patri, et Filio, et Spíritu Sancto

A.: Sicut erat in princípio, et nunc, et semper: et in sæcula sæculorum. Amen.

Antífona:

C.: Introibo ad altáre Dei

A.: Ad Deum qui lætificat juventutem meam.

[Este salmo não se reza nas missas de defuntos, nem nas Missas do tempo, desde o Domingo da Paixão até Quinta-feira Santa.]

C.: *Adjutorium nostrum † in nómine Dómini*

A.: Qui fecit cælum et terram

O celebrante diz em seguida o «Confiteor». O acólito permanece de joelhos durante esse tempo, conservando a cabeça e o corpo direitos e não bate no peito.

Terminado o «Confiteor», o acólito inclina levemente a cabeça para o celebrante e diz:

A.: Misereatur tui omnipotens Deus, et dimissis peccatis tuis perducatur te ad vitam æternam.

C.: Amen.

O acólito volta-se, faz inclinação profunda de cabeça (13) e repete o «Confiteor». Às palavras «tibi, pater» e «te, pater», volta-se para o celebrante, inclinando-se em seguida, de novo, para a frente e ao «mea culpa, mea maxima culpa», bate três vezes no peito (20). Continua inclinado até ao Amen que responde ao «Misereatur nostri».

A.: Confiteor Deo omnipotenti, beatæ Mariæ semper Virgini, beato Michaeli Arcangelo, beato Joánni Baptistæ, sanctis Apóstolis Petro et Paulo, omnibus Sanctis, et tibi, pater: quia peccávi nimis cogitatione, verbo et ópere: mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa. Ideo precor beátam

**Mariam Semper Virginem, beátum Michaélem, Arcangelum, beatum Joánnem Baptistam, sanctos Apóstolos Petrum et Paulum, omnes Sanctos, et te, pater, oráre pro me ad Dóminum Deum nóst-
trum.**

C.: Miseréatur vestri omnípotens Deus, et dimíssis peccatis vestris, perdúcat vos ad vitam ætérnam

A.: Amen.

O acólito levanta o busto, mas conserva-se de joelhos.

C.: Indulgentiam, † absolutionem et remissionem peccatórum nostrórum tríbuat nobis omnípotens et miséricors Dóminus

A.: Amen.

O acólito faz de novo inclinação profunda de cabeça durante as orações seguintes:

C.: Deus, tu convérsus vivificábis nos

A.: Et plebs tua lætábitur in te.

C.: Osténde nobis, Domine, misericordiam tuam

A.: Et salutáre tuum da nobis.

C.: Domine, exaudi orationem meam

A.: **Et clamor meus ad te véniat.**

C.: *Dóminus vobiscum*

A.: **Et cum spíritu tuo.**

O celebrante diz «Oremus» e sobe ao altar. [Por respeito para com o sacerdote pode levantar um pouco a bainha da alva: faz isto com a mão direita, colocando a esquerda sobre o peito.]

Enquanto o sacerdote sobe ao altar, o acólito levanta-se e vai, sem genuflectir no centro, colocar-se no seu lugar, ajoelhando, do lado do Evangelho, na extremidade do último degrau.

Às primeiras palavras do Intróito, faz o sinal da cruz (5).

Alternando com o celebrante, que chegou ao meio do altar, diz:

Os Kyries

C.: Kyrie, *eléison*

A.: **Kyrie, *eléison***

C.: Kyrie, *eléison*

A.: **Christe, *eléison***

C.: Christe, *eléison*

A.: **Christe, *eléison***

C.: Kyrie, *eléison*

A.: **Kyrie, *eléison***

C.: Kyrie, *eléison*.

Glória, quando deva ser rezada:

Glória in excélsis Deo. Et in terra pax homínibus

bonæ voluntátis. Laudámus te. Benedícimus te. Adorámus te. Glorificámus te. *Grátias ágimus tibi* propter magnam glóriam tuam. Domine Deus, Rex cæléstis, Deus Pater omnipotens. Dómine Fili unigénite, *Jesu Chríste*. Dómine Deus, Agnus Dei, Filius Patris. Qui tollis peccata mundi, miserére nobis. Qui tollis peccata mundi, *súscipe deprecationem nostram*. Qui sedes ad dexteram Patris, miserere nobis. Quóniam tu solus Sanctus. Tu solus Dóminus. Tu solus Altíssimus, *Jesu Chríste*. † Cum Sancto Spíritu, in glória Dei Pátris. Amen.

C.: Dóminus vobíscum

A.: **Et cum spiritu tuo.**

Nota: [Em certos dias, nomeadamente em quarta-feira e sábado das Têmporas, na quarta-feira da 4.^a Semana da Quaresma e da Semana Santa, imediatamente a seguir ao Kyries, sem dizer o «Dominus vobiscum», o sacerdote vai directamente para junto do missal e diz: «Oremus. *Flectámus genua*». O acólito responde: «*Levate*». Depois de cada oração, responde: *Amen*, e, depois de cada lição: *Deo grátias*, excepto nos sábados das Quatro Têmporas depois da última lição. Nesse momento, o sacerdote vai ao meio do altar, diz «Dominus vobiscum» e volta ao missal. O acólito não deve ir buscar o missal, mas permanece de joelhos no seu lugar até ao fim da Epístola.]

O sacerdote volta ao missal e lê uma ou várias orações.

C.: Orémus... per ómnia sæcula sæculorum

A.: **Amen.**

Imediatamente após a Epístola, o acólito responde:

«Deo grátias»

Deixa o seu lugar, genuflecte no meio, diante do altar, e vai colocar-se no penúltimo degrau conservando-se perto do celebrante e voltado como ele.

Logo que este vá para o centro do altar, o acólito pega no missal e leva-o ao lado do Evangelho (34) e responde:

C.: Dóminus vobiscum

A.: **Et cum spiritu tuo.**

C.: Sequentia ✠ (ou Initium) sancti ✠ Evangelii ✠ secundum N.

A.: **Glória tibi, Dómine.**

Uma vez regressado ao seu lugar, no lado da Epístola, volta-se para o missal e faz as mesmas inclinações de cabeça e genuflexões que o celebrante.

Imediatamente após a leitura do Evangelho, responde: «*Laus tibi, Christe*» e ajoelha se não houver Credo.

A seguir o Credo, quando houver de rezar-se:

Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem, factorem cæli et terræ, visibilium ómnium et invisibilium. Et in unum Dóminum Jesum Christum, Filium Dei unigé-

nitum. Et ex Patre natum ante ómnia sæcula. Deum de Deo, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero. Génitum non factum, consubstantiálem Patri: per quem ómnia facta sunt. Qui propter nos hómines, et propter nostram salútem descendit de cælis. *Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Vírgine: Et homo factus est.* Crucifixus étiam pro nobis: sub Póntio Piláto passus et sepultus est. Et ressuréxit tertia die, secundum Scripturas. Et ascendit in coelum: sedet ad dexteram Patris. Et iterum ventúrus est cum glória judicáre vivos, et mortuos: cujus regni non erit finis. Et in Spíritum Sanctum, Dominum et vivificantem: qui ex Patre, Filióque procédit. Qui cum Patre, et Filio *simul adorátur*, et conglorificátur: qui locútus est per Prophetas. Et unam, sanctam, cathólicam et apostólicam Ecclesiam. Confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum. Et expecto resurrectionem mortuorum. † Et vitam venturí sæculi. Amen.

Ajoelha imediatamente a seguir ao Credo.

3. DO OFERTÓRIO À COMUNHÃO

A) O Ofertório

Assim que o celebrante diz: Oremus», [o acólito levanta-se, traz a píxide da credência, sobe, e, ao

longo dos degraus laterais para o supedâneo, à direita do celebrante, coloca a píxide ao lado do corporal, saúda o celebrante, e dobra o véu do cálice. Dobra-o em três partes iguais de maneira que não faça vinco e coloca-o sobre o altar, em frente dos castiçais.

Saúda o celebrante. Vai à credência, pega nas galhetas e vai colocar-se no penúltimo degrau, voltado para o celebrante.

Saúda-o logo que ele se aproximar e oferece-lhe sucessivamente a galheta do vinho e a da água (43 b).

Quando o celebrante lhe entregar a galheta da água ou a colherinha, o acólito saúda-o, volta-se e vai à credência.

Coloca, em seguida, o manustérgio desdobrado sobre o braço esquerdo; toma o prato na mão esquerda e a galheta da água na mão direita. Volta ao altar (1) e espera, voltado para o sacerdote, no penúltimo degrau. Saudando novamente o sacerdote quando ele se aproxima, coloca o prato debaixo das suas mãos e deita prudentemente um fio de água sobre os dedos, oferecendo depois o manustérgio sobre o braço esquerdo. Espera que o celebrante enxugue os dedos e oferece de novo o braço esquerdo para receber o manustérgio. Saudando o sacerdote, volta à

(1) Se o Santíssimo estiver exposto, o sacerdote desce para lavar os dedos. Mas, neste caso, o acólito espera em baixo, com as costas voltadas para o povo, perto do primeiro degrau do altar.

credência e aí coloca as galhetas que cobre com o manustérgio. E, de novo, vai para o seu lugar, sem genuflectir no meio.

Depois do Lavabo, o acólito responde ao «Orate, Fratres» logo que o celebrante se volte para o altar.

C.: Orate, fratres: ut meum ac vestrum sacrificium acceptabile fiat apud Deum Patrem omnipotentem.

A.: **Suscipiat Dóminus sacrificium de manibus tuis ad laudem et glóriam nóminis sui, ad utilitatem quoque nostram totiúsque Ecclesiæ suae sanctae.**

B) Canon

C.: ...per ómnia sæcula sæculorum

A.: **Amen**

C.: Dominus vobiscum

A.: **Et cum spíritu tuo**

C.: Sursum corda

A.: **Habemus ad Dóminum**

C.: Gratias agamus Dómino Deo nostro

A.: **Dignum et justum est**

C.: Vere dignum et justum est, æquum et salutare...
...dicentes:

Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dóminus Deus Sábaoth. Pleni sunt cæli et terra glória tua. Hosanna in excelsis. † Benedictus qui venit in nómine Domini. Hosanna in excelsis.

Ao Sanctus, o acólito dá sinal com a campainha e faz com o sacerdote o sinal da cruz, ao «Benedictus» (1).

[Seguidamente, se for costume, acende a vela da elevação. O missal prescreve uma terceira vela para a celebração da missa. Coloca-se no lado da Epístola e fica acesa desde este momento até depois da comunhão. Embora não seja uma rubrica obrigatória, a sua observação merece ser aconselhada.]

Ao estender o celebrante as mãos sobre as oblatas, o acólito dá um leve sinal com a campainha e, levando-a consigo vai ao centro. Sem genuflectir, nem fazer inclinação de cabeça, sobe ao altar, ajoelha-se no degrau superior, detrás do celebrante, um pouco à sua direita.

No momento próprio, toca a campainha (47) e levanta a casula (v. 46, 2 e fig. 23). A cada elevação olha a sagrada hóstia e o cálice, e, entre as duas elevações, faz uma inclinação profunda de cabeça.

Feita a última genuflexão pelo celebrante, o acólito levanta-se, volta-se pela esquerda e desce (17).

(1) A partir deste momento até ao fim do Cânon, não terá o acólito de fazer qualquer movimento com o celebrante, a não ser ao «Nobis quoque peccatoribus».

Genuflecte ao centro e volta ao seu lugar.

Ao «Nobis quoque peccatoribus», bate uma só vez no peito (20) e, à elevação menor, pode tocar a campainha (47).

C) Preparação para o Comunhão

O celebrante termina o Cânon por estas palavras:

C.: ...per ómnia sæcula sæculorum

A.: **Amen**

Segue-se o «Pater Noster»:

C.: Oremus: Præceptis salutáribus moniti, etc. ...

Et ne nos indúcas in tentationem.

A.: **Sed libera nos a malo**

Depois:

C.: ...per ómnia sæcula sæculorum

A.: **Amen**

C.: Pax Domini sit semper vobiscum

A.: **Et cum spíritu tuo**

Ao «miserere nobis» e ao «dona nobis pacem» o acólito bate no peito, o que se não faz nas missas de defuntos.

Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi: miserere nobis
(dona eis requiem)

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi: miserere nobis
(dona eis requiem)

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi: dona nobis
pacem.

(dona eis requiem sempiternam).

Se for costume, cada vez que o celebrante disser:
«Domine non sum dignus», o acólito pode tocar a
campainha (47).

4. DA COMUNHÃO AO FIM DA MISSA

A) A Comunhão

Consumida a Sagrada Hóstia pelo celebrante, o acólito faz inclinação profunda de cabeça (13). Descoberto o cálice, o acólito levanta-se e vai directamente à credência, levando consigo a campainha. Se o acólito comunga, toma a patena da comunhão e vai ajoelhar-se ao meio, um pouco à direita no plano diante do primeiro degrau.

O acólito reza o Confiteor (p. 72) logo que o sacerdote tenha tomado o Precioso Sangue e mantém-se inclinado até ao «Amen» do «Misereatur», fazendo o sinal da cruz à «Absolutionem» a que responde «Amen», no fim.

Vai então ajoelhar-se no degrau superior para receber a Sagrada Comunhão e bate no peito (20) ao «Domine, non sum dignus»...

«Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum sed tantum dic verbo et sanabitur anima mea» (1).

Ao receber a Sagrada Comunhão, conserva horizontalmente a patena por debaixo do queixo (44).

Depois de ter comungado, desce — a não ser que tenha de ajudar a sustentar a toalha da Comunhão — pela frente (16-17) e, sem genuflectir, vai colocar-se no lado da Epístola, onde espera, ajoelhado, no degrau lateral inferior, que o sacerdote acabe de dar a comunhão aos fiéis.

Inclina profundamente a cabeça quando o sacerdote passar com o Santíssimo Sacramento.

Se ninguém comungar, a não ser o acólito, desce, genuflecte enquanto o Santíssimo estiver no altar (9, 1) e vai à credência.

Se o acólito não comunga, mas comungam os fiéis, logo que o sacerdote descobre o cálice, levanta-se e vai levar a campainha à credência e traz a patena da comunhão. Chegado ao lado da Epístola, genuflecte e coloca a patena no altar, reza o «Confiteor» e responde ao sacerdote, como acima se indica (p. 72). Inclina profundamente a cabeça sempre que na sua frente passe o Santíssimo.

Tendo o sacerdote voltado ao altar e fechado o

(1) Os Acólitos gozam do privilégio de comungar no próprio altar e não à mesa da comunhão.

sacrário, o acólito levanta-se e vai à credência. E sem fazer genuflexão antes de subir ao altar, serve as abluções como vamos indicar.

3) As Abluções

Se ninguém comunga, o acólito levanta-se logo que o celebrante descubra o cálice e leva a campainha à credência. Pega nas duas galhetas pelas asas: a galheta do vinho na mão direita e a da água na mão esquerda. Se não tiverem asa, pega-lhes pelo pé. Vai ao altar, genuflecte no primeiro degrau no lado da Epístola, na direcção do sacrário (9,1) e coloca-se no penúltimo degrau, voltado para o celebrante.

Logo que este comungue o Precioso Sangue, o acólito faz uma inclinação profunda de cabeça (13) e quando o celebrante lhe estende o cálice (1), sobe até ao supedâneo, junto dele, saúda-o (15) e deita um pouco de vinho no cálice. Volta a colocar-se no penúltimo degrau.

O celebrante aproxima-se do acólito. Sem subir ao supedâneo, e sem saudar o celebrante, o acólito deita um pouco de vinho e uma quantidade maior de água, nos dedos do celebrante (2).

(1) Se o celebrante abre o sacrário neste momento, o acólito ajoelha com os dois joelhos no degrau superior e permanece de joelhos até que se feche o sacrário.

(2) Tenha o acólito a necessária atenção para não deitar fora do cálice qualquer gota de vinho ou de água. Igualmente, evite tocar os dedos do sacerdote ou o cálice, com as galhetas. Logo que o celebrante levante um pouco o cálice, é sinal para que o acólito não deite mais.

Saúda o celebrante e leva as galhetas à credência, como ao ofertório, mas desta vez, deixa-as descobertas.

[Nota: No caso de o celebrante dizer mais duma missa (No Natal, dia dos Fiéis Defuntos, ou quando bina) o acólito só serve as abluções na última missa. Nas outras missas, leva o missal para o lado da Epístola logo a seguir à comunhão.]

Depois das abluções, o acólito vai ao lado do Evangelho, transporta o missal (34,2), genuflectindo cada vez que passar diante da cruz do altar. Coloca o missal direito sobre o altar (*fig. 16*). Seguidamente, toma o véu do cálice pelas duas extremidades superiores e oferece-o desdobrado ao celebrante, logo que este tenha colocado de novo o cálice no centro.

O acólito volta para o seu lugar, no lado do Evangelho, se não tiver que apagar a vela da elevação.

C) A acção de graças

Depois de ler a antífona da Comunhão, o acólito responde:

C.: *Dóminus vobiscum*

A.: **Et cum spíritu tuo**

Depois de o celebrante ler as orações do «Postcomunio»:

C.: ...per ómnia sæcula sæculórum

A.: **Amen**

C.: Dominus vobiscum

A.: **Et cum spíritu tuo**

C.: Ite, missa est ou: Benedicamus Dómino

A.: **Deo grátias**

(Na Semana Pascal)

C.: Ite, missa est, alleluja, alleluja

A.: **Deo grátias, alleluja, alleluja**

(Nas missas de Requiem)

C.: Requiescant in pace

A.: **Amen**

C.: Benedícat vos omnípotens Deus, *Pater et Filius*
† *et Spíritus Sanctus.*

A.: **Amen**

O acólito levanta-se e sem deixar o seu lugar, responde:

C.: Dóminus vobiscum

A.: **Et cum spíritu tuo**

C.: Initium ✠ Sancti ✠ Evangelii ✠ secundum Joannem

A.: **Glória tibi, Dómine**

Depois desta resposta, volta para o seu lugar no lado da Epístola, genuflectindo no meio, diante da cruz do altar (9, 2). Volta-se para o Evangelho e ge-

nuflecte quando o fizer o celebrante. Depois do Evangelho, o acólito responde: «**Deo gratias**».

[No caso de o celebrante ter deixado o missal aberto depois das Últimas Orações, o acólito responde ao «Ite, missa est» e muda o missal para o outro lado, como ao primeiro Evangelho (34, 1). Ajoelha-se do lado do Evangelho, no degrau lateral superior, para receber a bênção, responde na altura própria e volta para o seu lugar, no lado de Epístola.]

[Se se rezarem as várias Orações prescritas para depois da Missa, o acólito vai buscar à credência o cartão ou livro próprio e, logo que o celebrante chegue, o acólito apresenta-lho ajoelhado perto e à sua direita. Depois apaga as velas pela ordem estabelecida na pág. 35].

Enquanto o celebrante sobe ao altar para tomar o cálice, se não se rezarem outras orações imediatamente após o último Evangelho, o acólito pega no missal e no barrete, genuflecte quando o sacerdote saudar a cruz do altar (9,2), beija o barrete antes de o entregar (18) e volta à sacristia. Se esta estiver por detrás do altar, volta pelo lado da Epístola.

Chegado à sacristia, não oferece água benta ao celebrante (35), mas faz com ele a saudação profunda de cabeça à cruz (13, A) e saúda em seguida o sacerdote (18). Coloca o missal no seu lugar.

Se não houver outra missa no mesmo altar, e a seguir, volta para apagar as velas (24), trazendo para a sacristia as galhetas.

§ 2. MISSA REZADA E AJUDADA POR DOIS ACÓLITOS

Não é arbitrariamente que a missa rezada pode ser ajudada por dois acólitos ou não. Só é permitido para a missa rezada paroquial (missa de comunidade) ou para as missas com alguma solenidade externa, como a missa de casamento, de aniversário, etc.

Supõe-se que se saibam perfeitamente todas as regras gerais e todo o cerimonial da missa ajudada por um só acólito. Para as regras e cerimónias de que não fizemos menção aqui, lembramos apenas os capítulos onde se encontram.

O lugar dos acólitos é nos dois lados extremos do primeiro degrau: o primeiro acólito no lado da Epístola e o segundo no lado do Evangelho. Não mudam de lugar durante a missa, mas, quando um exerce uma função no altar, o outro levanta-se. Procurarão especialmente que todas as atitudes, gestos e respostas sejam *uniformes e simultâneos* (25).

Todas as vezes que deixarem simultaneamente o seu lugar para uma função, devem antes genuflectir os dois ao centro. Quando vêm para o altar os dois, genuflectem igualmente ao centro, saudando-se mutuamente com uma leve inclinação de cabeça antes de se separarem e vão para o seu lugar (1).

No caso de os fiéis participarem colectivamente na

(1) Entre a consagração e a comunhão, não se saúdam.

Missa, os acólitos observam a regra seguinte: *Permanecem de joelhos durante toda a Missa*, excepto aos dois Evangelhos, e ao Credo, — genuflectindo ao mesmo tempo que o celebrante — e ao Prefácio, depois do «per ómnia sæcula sæculorum» até ao fim do «Sanctus» e ao «Pater Noster» desde o «Per ómnia sæcula sæculorum» até ao «Pax Domini sit semper vobiscum».

1. A PREPARAÇÃO DA MISSA ATÉ AO PREFÁCIO

[O segundo acólito ocupa-se do altar: acende as velas, trata das galhetas e da estante para o missal (22-23)]

O primeiro acólito oferece o cordão da alva ao celebrante e leva o missal (32)

Ambos fazem com o celebrante a inclinação de cabeça, à cruz da sacristia (13A) e precedem o celebrante: o primeiro acólito à direita e o segundo à esquerda (7).

À saída, o primeiro acólito oferece água benta ao celebrante e ao segundo acólito (35). [Pode dar um sinal com a campainha (47)].

Quando chegarem ao altar e, se for necessário, um dos acólitos deixa passar o celebrante entre ele e o altar.

Quando o sacerdote desce, deixam o seu lugar e ajoelham junto dele e cada um de seu lado.

Depois das orações ao pé do altar, levantam um

pouco a parte da frente da alva, e vão, sem genuflectir no centro, imediatamente para o seu lugar.

Logo que o *primeiro acólito* mudar o missal (34) o *segundo* levanta-se e deixa-o passar entre si e o altar.

Se não tiverem de ficar de pé durante o Credo, ajoelham imediatamente depois do «*Laus tibi, Christe*».

Ao Ofertório, logo que o celebrante diz: «*Oremus*» ambos se levantam e vêm genuflectir ao centro. [O *segundo acólito* sobe ao supedâneo, à direita do celebrante, recebe e dobra o véu do cálice, e o *primeiro acólito* vai directamente à credência].

— ou ambos ajudam o celebrante. O *primeiro acólito* toma a galheta do vinho na mão direita e coloca a mão esquerda sobre o peito. O *segundo acólito* toma a galheta da água da mesma maneira. Vão os dois ao altar e esperam no penúltimo degrau, voltados para o celebrante. Logo que ele se aproxime, saúdam-no e cada um por sua vez apresenta-lhe a respectiva galheta, depois de a ter beijado (salvo se o celebrante se serve duma colherinha para a água) (18). Entretanto têm as mãos postas (2). Quando o *segundo acólito* receber a galheta da água, ambos saúdam o celebrante, volta-se o primeiro pela esquerda e o segundo pela direita (16) e vêm à credência.

Ao Lavabo, o *primeiro acólito* toma o prato com

a galheta da água, o *segundo acólito* o manustérgio, que conserva na mão direita.

Enquanto o *primeiro acólito* deita água sobre os dedos do sacerdote, o *segundo* desdobra o manustérgio e oferece-o ao celebrante com ambas as mãos. Saúdam conjuntamente antes e depois das abluções.

Para voltar ao seu lugar o *segundo acólito* precede o primeiro. Este leva a campainha se o *segundo acólito* a não levou já para o altar. Genuflectem simultaneamente ao meio do altar, saúdam-se mutuamente e vai cada um para o seu lugar.

.

2. DO PREFÁCIO AO FIM DA MISSA

A «Sanctus», o *primeiro acólito* dá o sinal com a campainha (47) e vai, caso seja costume, acender a vela da elevação.

Depois de o *primeiro acólito* ter tocado ao «*Hanc igitur*», ambos vêm ao meio e, sem fazer genuflexão diante da cruz do altar, vão ajoelhar detrás do celebrante: o primeiro, um pouco à direita e segundo um pouco à esquerda. Ambos levantam a casula, (46, 2).

Logo que se levantem, voltam-se: o primeiro à esquerda e o segundo à direita. Depois descem, genuflectem no meio e, sem se saudar, vão para o seu lugar.

A COMUNHÃO

a) Se houver distribuição da Sagrada Comunhão

Descoberto o cálice pelo celebrante, depois de ter comungado a Sagrada Hóstia, os dois acólitos levantam-se. O primeiro pega na campainha, vai à credência e traz a patena ou toalha da comunhão. Vêm juntos ao meio e ajoelham no plano diante do primeiro degrau.

Depois de o celebrante ter tomado o Precioso Sangue, recitam ambos o «Confiteor» (pág. 72), permanecem inclinados até ao «Amen» do «Misereatur». Em seguida, vão ajoelhar-se no degrau superior, como para a Consagração [ou então, se outros fiéis comungam no altar, eles ajoelham, o primeiro na extremidade direita e o segundo na extremidade esquerda. Permanecem assim ajoelhados todo o tempo necessário para sustentar a toalha da comunhão].

Depois de terem comungado, os acólitos descem pela frente, sem genuflectir ao centro, e vão colocar-se de joelhos, no degrau inferior lateral, enquanto o celebrante dá a comunhão aos fiéis.

[Quando não comungam, os acólitos conservam-se de joelhos, neste lugar, enquanto é distribuída a comunhão dos fiéis, desde o «Amen» da absolvição até ao fim.]

Se os acólitos comungarem, mas ninguém mais comungar, logo que o celebrante volte ao altar e fe-

che o sacrário, vêm ao meio, no plano diante do primeiro degrau sem genuflectir e dobram a toalha.

Ambos genuflectem e se separam: o primeiro leva consigo a toalha, que coloca na credência, o segundo volta para o seu lugar.

b) Se não se distribuir a Sagrada Comunhão

O segundo acólito levanta-se logo que o celebrante descubra o cálice e vai para o lado do Evangelho. Quando o celebrante deixar o meio do altar para a segunda ablução, muda o missal para o outro lado (34, 2). Oferece em seguida o véu do cálice ao celebrante.

Logo que o celebrante descubra o cálice, o primeiro acólito levanta-se e vai à credência, levando a campainha.

Pega nas duas galhetas, vai ao altar e serve o celebrante nas abluções.

Voltam ambos, genuflectindo ao meio, saúdam-se e vão para o seu lugar.

[No caso de terem de apagar a vela da elevação, o primeiro acólito fá-lo depois das abluções].

Para receber a bênção do celebrante, os acólitos permanecem de joelhos no seu lugar. [Se o celebrante deixa o missal aberto, é o primeiro acólito que o deve mudar. O segundo acólito levanta-se, deixa passar o primeiro acólito entre ele e os degraus do altar.

Ajoelha-se para receber a bênção; o primeiro acó-

lito ajoelha-se então no degrau inferior lateral do lado do Evangelho].

Ao último Evangelho, o primeiro acólito vai buscar o barrete [e o missal].

Os dois acólitos genuflectem quando o celebrante saúda a cruz do Altar, o primeiro apresenta o barrete e voltam todos à sacristia na mesma ordem como entraram.

Na sacristia, saúdam a cruz (13, A), e em seguida, o sacerdote (15). Se não se celebra outra missa no mesmo altar, o segundo acólito vai apagar as velas (24).

TERCEIRA PARTE

A MISSA SOLENE

Cada um procurará chegar a horas, a fim de tudo preparar a tempo.

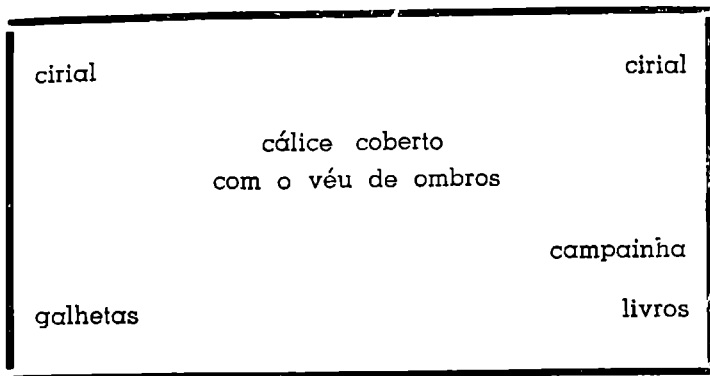
Antes do início da Missa, o Cerimoniário, já com hábito coral, vai verificar se tudo está em ordem:

— no altar: seis velas acesas, as sacras no seu lugar, o missal na estante, ⁽¹⁾ aberto no Introito, que está indicado por uma fita da mesma cor dos paramentos. As comemorações, e o Prefácio (no tom solene ou ferial) ⁽²⁾ serão também registados com fitas.

— na credência (fig. 25): na frente, à esquerda, o

(1) A estante deve ser coberta com um véu do mesmo tecido e da mesma cor dos paramentos. O próprio missal e o Evangeliário poderão ter uma cobertura do mesmo género, no caso de não serem ornados doutra maneira, por exemplo, com prata.

(2) Festa simples.



25. Disposição da credência para a missa solene

prato com as galhetas, cobertas com o manustérgio; à direita, à frente os livros: Missal ou o Epistolário ou o Epistolário e o Evangeliário, [e o livro com as orações (Asperges, Veni Creator, Te-Deum)] e a campainha. Ao centro, o cálce coberto com o véu de ombros e por cima a bolsa. Ao lado, o véu do cálce dobrado. Atrás, à direita e à esquerda, deixa-se lugar suficiente para os ciriais dos acólitos.

— nos bancos: se se fizer o «Asperges» antes da Missa, a casula e os três manípulos.



Sacerdote com casula



Sacerdote com capa



Diácono



Subdiácono



Turiferário



1.º Acólito



2.º Acólito

Cerimoniário



Assistente com capa



Ceroferários



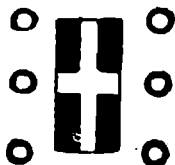
Crucífero



Acólito de caldeirinha



Essa



26. Explicação das vinhetas



ou

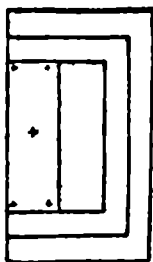


Na sacristia, os acólitos devem ajudar os ministros a paramentarem-se: apresentam os cordões da alva e procuram que os paramentos caiam correctamente.

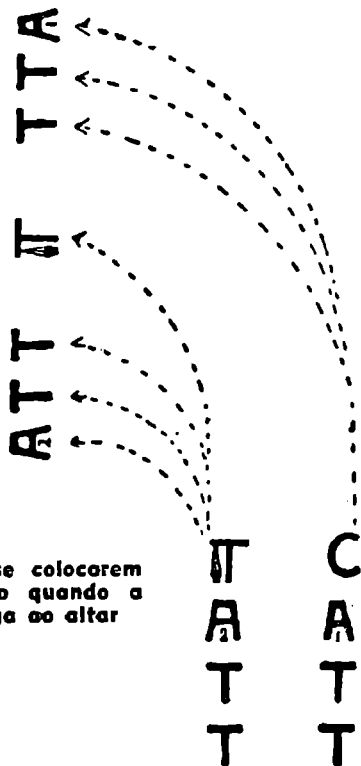
No momento próprio, o Cerimoniário dá o sinal: todos, ao mesmo tempo, saúdam a cruz (13 A) e deixam a sacristia pela ordem indicada na fig. 29.

(1) Se a missa for precedida de «Asperges», o celebrante reveste-se com a capa. O Turiferário leva a caldeirinha da água benta em vez do turíbulo e vai buscar o turíbulo depois do «Asperges», deixando lá a caldeirinha.

27. A ida para o altar (1)



III Y III C



28. Modo de se colocarem
para genuflexão quando a
procissão chega ao altar

III
A
T
T
C
A
T
T

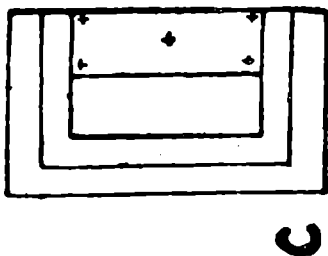
[Se o Asperges precede a Missa, não se toma água benta ao deixar a sacristia.]

Depois de todos entrarem e feita a genuflexão colectiva (9, 2), cada



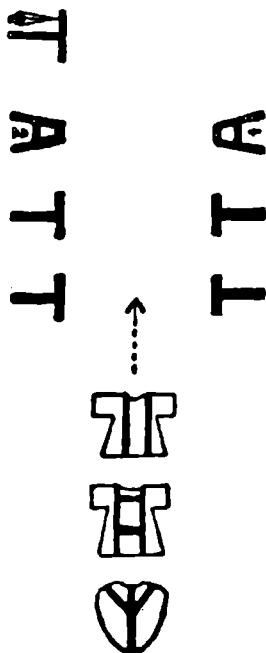
um ocupa o lugar que lhe é marcado. (fig. 28, 29, 30).

Depois da genuflexão, cada um irá para o seu lugar. (fig. 31). Os acólitos colocam os círios na credência, atrás, e nos dois cantos.

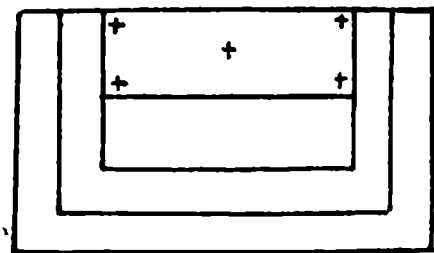


a) Havendo «Asperges»

O Cerimoniário coloca-se diante do altar, à direita do diácono. Recebe os barretes do celebrante e do diácono, e havendo necessidade, vai buscar o livro ou o cartão próprio para as orações impressas.



29. Colocação dos vários acólitos quando a procissão entra pela igreja



30. Colocação para a genuflexão quando a procissão chegar à capela-mor, vinda pela igreja

O *turiferário* não vai à credência, mas coloca-se entre o diácono e o cerimoniário e ajoelha-se no plano. Passa o hissope ao diácono e oferece-lhe a caldeirinha de maneira que o diácono possa molhar o hissope na água benta (36).

Os outros acólitos permanecem de joelhos voltados para o altar. Levantam-se quando os Ministros o fazem e voltam-se para o centro até que o sacerdote volte ao altar.

O *cerimonjário* e o *turiferário* ajoelham à direita do diácono, na frente do primeiro degrau. Logo que os ministros se levantem, levantam-se também, genuflectem e precedem o celebrante com os ministros: o *turiferário* caminha à esquerda do *cerimoniário*.

Sucessivamente é aspergido o coro, os acólitos e o povo, ou então, se no coro não há ninguém revestido, em primeiro lugar, os acólitos e, depois, o povo. Na altura da aspersão, faz-se uma inclinação profunda de cabeça para a cruz do altar (13).

Chegado ao fundo da igreja, o *turiferário* oferece de novo a caldeirinha ao diácono para que ele molhe o hissopo na água benta.

Durante o canto do «*Glória Patri*», interrompe-se a aspersão, todos se curvam no seu lugar e fazem uma inclinação profunda de cabeça para a cruz do altar.

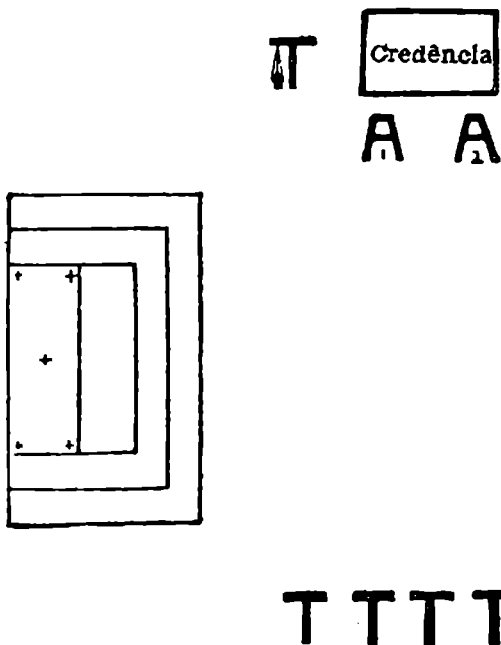
Depois da aspersão, o *turiferário*, recebe o hissopo das mãos do diácono. Genuflecte ao centro, leva a caldeirinha para a sacristia e volta com o turíbulo e a naveta. Genuflecte de novo diante da cruz do altar e vai para o seu lugar junto da credência.

O *cerimoniário*, volta ao altar, faz a genuflexão e dá ao diácono o livro ou o cartão próprio que levará, depois das orações, novamente para a credência. ○

Juntamente com um dos acólitos, ajuda o celebrante e os ministros a revestirem-se dos paramentos sagrados e acompanha-os ao altar.

b) Não havendo «Asperges»

Depois da genuflexão feita colectivamente, cada um vai para o seu lugar (fig. 31). O Turiferário levanta



31. Colocação dos acólitos durante a missa solene

um pouco o opérculo do turíbulo (28, b) e os acólitos colocam os ciriais na credência, atrás, nas duas extremidades.

Todos os acólitos permanecem de pé durante a missa, excepto durante as orações ao pé do altar, a consagração, a distribuição da Sagrada Comunhão (desde o confiteor até ao encerramento do sacrário) e para receber a bênção: durante estas ocasiões, permanecem de joelhos, voltados para o altar (13) (1).

Quando o celebrante e os ministros se vão sentar, os acólitos podem igualmente sentar-se (4) excepto o *cerimoniário* que, segundo o costume romano, nunca se senta durante a Missa solene. Quando os acólitos estão de pé, voltam-se para o meio ou para o altar conforme o lugar onde estiverem.

I. DESDE O COMEÇO DA MISSA ATÉ AO OFERTÓRIO

Em frente do altar, o *cerimoniário* coloca-se à direita do diácono e recebe os barretes do Celebrante

(1) Nas missas de defuntos, nas missas feriais do Advento e da Quaresma, nas Quatro-têmporas (excepto as da oitava do Pentecostes) e nas vigílias, (excepto do Natal, Epifania, Ascensão e Pentecostes) também se ajoelha durante as orações, no Cântico (a partir do Sanctus até ao Pax Domini) e no Postcomunio.

Nos dias do Natal e da Anunciação ajoelha-se com os dois joelhos, sem fazer inclinação de cabeça. Quando no Credo se canta o: «Et incarnatus est... et homo factus est».

Na Quaresma, durante o cântico do «Adjuva nos» e na oração pelo povo depois do Postcomunio.

No Pentecostes e durante toda a oitava, como na missa votiva do Espírito Santo, às palavras: «Veni Sancte Spiritus, reple...»

e do diácono. Depois da genuflexão colectiva, leva os barretes para os bancos, colocando-os respectivamente nos seus lugares: primeiro o do celebrante, em seguida os do diácono e do subdiácono. Genuflecte cada vez que passar diante da cruz do Altar. Depois, vem ao seu lugar, à direita do diácono, permanece de joelhos no primeiro degrau e responde com o diácono e subdiácono. Quando o celebrante disser «Oremus», todos os se levantam. O cerimoniário faz sinal ao turiferário com uma leve inclinação de cabeça. Este vem colocar-se com o turíbulo fechado e a naveta, perto do cerimoniário, a fim de lhe entregar a naveta (37).

Primeira incensação

Quando o celebrante beijar o altar, todos sobem pelos degraus laterais (1). O cerimoniário oferece a naveta ao diácono (37) e o turiferário, depois de ter aberto o turíbulo, levanta-o com a mão direita para a imposição do incenso, (38), esperando que o cele-

(1) Na imposição do incenso, o celebrante volta-se para o lado da Epístola. O diácono, à direita do celebrante, retira-se um pouco e fica com as costas voltadas para o povo. Entre o altar e o diácono, coloca-se o turiferário, voltado para o celebrante. O cerimoniário fica à direita do diácono.

brante benza o incenso. Quando o diácono entregar a naveta ao *cerimoniário*, este desce pelo lado e espera, no plano em frente do primeiro degrau inferior. O *turiferário* fecha o turíbulo e entrega-o ao diácono. Desce pelo lado, recebe a naveta do *cerimoniário*, e leva-a para a credência. Volta pelo lado da epístola e espera que o Diácono desça. Durante a incensação do celebrante, coloca-se à direita do diácono e saúda o celebrante ao mesmo tempo que ele. Recebe o turíbulo (42) e volta para a credência (26 b).

Entretanto, durante a incensação da cruz do Altar, o *cerimoniário* vai retirar o missal. Desce pelo lado, volta-se para o altar e novamente coloca o missal no seu lugar logo que o celebrante se afaste para incensar o lado do Evangelho. Desce e saúda com os outros antes e depois da incensação do celebrante.

O «Introito», o «Glória» e as Orações

— Depois da incensação, o *cerimoniário* sobe imediatamente ao penúltimo degrau, à direita do celebrante e indica-lhe as primeiras palavras do Introito. Faz também o sinal da cruz (5) e ao «*Glória Patri etc.*», inclinação profunda de cabeça para a cruz do Altar (13), A). Responde, em seguida, aos Kyries com o diácono e o subdiácono. Logo que terminem os Kyries, o diácono e o subdiácono, ao sinal dado pelo *cerimoniário*, vão colocar-se detrás do celebrante e logo

que este chegue ao meio do altar, o cerimoniário desce e espera, voltado para a centro.

Entoado o «Glória» pelo celebrante, o cerimoniário faz a inclinação profunda de cabeça à cruz do altar à palavra «Deo» (13 A) e convida o diácono e o subdiácono a subir ao altar. Reza o «Glória» com os ministros e faz com eles todos os movimentos.

Genuflecte no seu lugar ou perto do diácono, frente ao missal, logo que os ministros sagrados genufletam antes de deixar o altar e acompanha-os aos bancos.

Entretanto, os acólitos deixaram os seus lugares, junto da credência e vão até junto dos bancos para oferecer os barretes e ajudar a levantar os paramentos (46, 1).

Sentam-se (4) depois de os ministros o terem feito ou então vão para os seus lugares junto da credência.

Durante o canto, todos fazem os movimentos conjuntamente com os ministros sagrados (inclinações de cabeça, colocarem-se de pé).

O cerimoniário permanece de pé à direita do diácono, voltado para o centro. Antes de se cantarem as palavras que devem ter saudação, volta-se para o celebrante e faz uma ligeira inclinação de cabeça. Volta-se, em seguida, para o centro e faz uma inclinação profunda de cabeça para a frente.

As palavras: «Cum Sancto Spíritu», no fim do Glória, faz de novo uma leve inclinação de cabeça para

lembrar ao celebrante que se deve levantar (1). Acompanha os ministros ao altar e genuflecte perto do diácono no plano diante do primeiro degrau.

Entretanto, os acólitos receberam os barreiros e voltaram para junto da credência.

Enquanto o celebrante sobe ao altar, o *cerimoniário* coloca-se no lado da Epístola, na extremidade. Ao «*Dominus vobiscum*» sobe ao altar e vai colocar-se à direita do celebrante no penúltimo degrau. Indica as orações com os dedos da mão direita e faz com o celebrante as inclinações prescritas.

Se houver duas ou mais orações, volta as páginas do missal e, se necessário for, passa ao lado esquerdo do celebrante, no supedâneo, voltando ao seu lugar, à direita do celebrante, depois de lhe indicar a página.

Epístola

— Ao princípio da última oração, o *cerimoniário* faz sinal ao diácono que se irá colocar ao lado do celebrante.

Ele mesmo desce e vai à credência buscar o Missal e entrega-o ao subdiácono (33). Coloca-se à direita

(1) No fim do Credo, é às palavras: «*Et vitam venturi sæculi*».

deste; antes e depois da entrega do livro, faz uma leve inclinação de cabeça.

Depois, vai colocar-se à esquerda do subdiácono que acompanha ao centro do altar. O *cerimoniário* genuflecte com o subdiácono, mas no plano, e condu-lo ao lugar onde deve cantar a Epístola.

Indica a Epístola. Durante o canto da Epístola, coloca-se à esquerda do subdiácono e faz com ele as inclinações de cabeça e as genuflexões requeridas. Depois da Epístola, não responde «Deo gratias» mas acompanha imediatamente o subdiácono ao centro, diante do altar, genuflecte com ele e precede-o, ao longo dos degraus, até ao celebrante.

Recebe o missal das mãos do subdiácono, saudando-o antes e depois, e desce. Fará o mesmo quando o Missal for entregue ao diácono. No caso de haver um Evangelário e um Epistolário diferentes do Missal, coloca este na credência e recebe aquele.

Evangelho

Quando o celebrante começar a leitura do Evangelho, o *cerimoniário* faz sinal ao diácono com uma leve inclinação de cabeça para vir receber o Missal. Entrega-lho diante do altar, no plano, da mesma maneira que entregou o Missal ao subdiácono.

Quando o diácono subir os degraus, o *cerimoniário* faz sinal ao *turiferário*. A imposição do incenso faz-se como da primeira incensação (pág. 105). Depois da bênção do incenso, descem ambos.

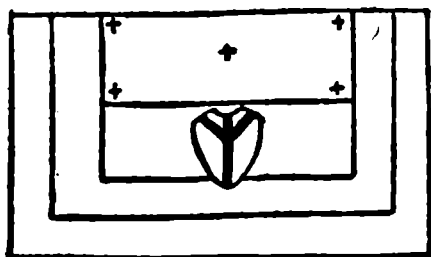
O *cerimoniário* entrega a naveta ao *turiferário* logo que este feche o turíbulo. Coloca-a na credência.

Entretanto, o *cerimoniário* faz sinal aos dois *acólitos*. Estes pegam nos ciriais (29) e colocam-se ao centro, ao mesmo tempo que o *turiferário*, a alguma distância do altar na mesma linha.

Ao sinal do *cerimoniário* (ao fim do «Alleluia», «Tractus», «Gradual» ou «Sequência») todos genuflectem ao mesmo tempo diante da cruz do altar. O *cerimoniário* conduz a procissão (fig. 32) até ao sítio onde se vai cantar o Evangelho. Chegado lá, deixa passar os outros e coloca-se à direita do diácono, voltando-se obliquamente para o Missal (fig. 33). Entre o diácono e o *cerimoniário* coloca-se o *turiferário*, um pouco atrás.

O *cerimoniário* indica o Evangelho, e, cada vez que se pronunciar o nome de Jesus, volta-se para o celebrante fazendo uma leve inclinação de cabeça. Volta-se então e saúda na direcção do Missal ao mesmo tempo que o diácono.

Depois de anunciar o Evangelho, o *turiferário*, oferece o turíbulo ao diácono (40). Saúda com o diácono



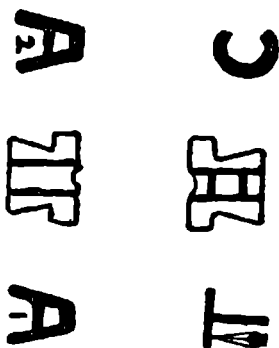
32. Colocação antes do canto do Evangelho

o Missal (45, 1), recebe o turíbulo e vai colocar-se à esquerda do diácono (fig. 33) e ba-loiça lentamente o turíbulo.

Durante o canto do Evangelho, o cerimoniaário, o turiferário, os cerotérários, — estes últimos voltados igualmente para o Missal — fazem todos, ao mesmo tempo, as mesmas inclinações de cabeça e genuflecções que o diácono fizer.

Os dois acólitos permanecem imóveis. Depois do Evangelho, observa-se para o regresso a ordem indicada na fig. 34.

Os acólitos acompanham o subdiácono até ao degrau. Depois da incensação do celebrante fazem a genuflexão no plano e voltam para o seu lugar, junto da credência.



33. Colocação durante o canto do Evangelho

O subdiácono com o missal aproxima-se do celebrante. O cerimoniário genuflecte ao centro no plano antes do primeiro degrau inferior do altar e vai para o lado da Epístola, colocando-se em frente do celebrante e espera em baixo, no plano, que o subdiácono desça. Recebendo o Missal, saúda antes e depois e logo que o

celebrante tenha sido incensado, leva o Missal para credência, voltando em seguida para o seu lugar, em baixo.

O turiferário vai colocar-se à direita do diácono, genuflecte com ele e oferece-lhe o turíbulo (40). Saúda igualmente antes e depois da incensação, recebe o turíbulo (42) genuflecte ao centro e volta para o seu lugar, junto da credência.

Credo

Quando o celebrante entoar o «Credo», o cerimo-

niário faz inclinação profunda de cabeça à cruz do Altar à palavra «Deum» (13, A) e faz sinal ao diácono



e ao subdiácono para subirem. Em seguida tudo se passa como indicámos para o «Glória» (pág. 106) excepto nos



34. Colocação para a procissão depois do canto do Evangelho

pontos seguintes. Quando o celebrante genuflecte às palavras: «Et incarnatus est» todos genuflectem com ele. Du-

rante o canto, depois das palavras: «Et homo factus est» todos se levantam logo que o cerimoniário faça sinal ao diácono. Este dá então o seu barrete ao primeiro acólito.

O cerimoniário acompanha-o à credência, toma a bolsa do cálice levando-a com as duas mãos nos cantos inferiores (com a abertura voltada para o diácono) e entrega-lha. Enquanto o diácono se afasta, o cerimoniário volta para o seu lugar junto dos bancos. Logo que o diácono e o subdiácono se sentem, todos se sentam também, ao mesmo tempo.

No final do «Credo», às palavras: «et vitam venturi», o cerimoniário faz sinal ao celebrante para se levantar.

2. DO OFERTÓRIO À COMUNHÃO

Ofertório

Ao «Oremus», o *cerimoniário* genuflecte à direita do subdiácono ao mesmo tempo que ele e condu-lo à credência. O *segundo acólito* coloca o véu de ombros⁽¹⁾ sobre os ombros do subdiácono e, logo que este pegue no cálice, o *cerimoniário* cobre o cálice com a extremidade direita do véu [e leva, se for preciso, a píxide ao altar seguindo o subdiácono]. O véu do cálice dobrado fica na credência.

O subdiácono sobe ao altar, seguido pelo primeiro acólito que leva as galhetas no prato (43, A). Entretanto, o *cerimoniário* vai colocar-se no lado da Epístola no plano em frente do primeiro degrau do altar e faz sinal ao turiferário. Ambos fazem o mesmo que na primeira incensação (pág. 105).

Depois da incensação das oblatas, o *cerimoniário* passa para o lado do Evangelho, genuflecte ao centro e sobe pelos degraus laterais; pega no missal e espera em baixo, de lado, voltado para o altar. Logo que o celebrante tenha incensado o lado do

(1) Recebe o véu de ombros logo que o celebrante cante «Oremus».

Evangelho, o *cerimoniário* coloca o missal obliquamente perto do corporal. Desce e espera no plano, voltado para o altar.

Enquanto o *diácono* incensa o celebrante, os dois *acólitos* aproximam-se do altar para o «Lavabo». Sobem os degraus logo que o celebrante tenha sido incensado e saúdam-no antes e depois da lavagem das mãos.

Durante a incensação do celebrante, o *turiferário* coloca-se à esquerda do *diácono*; saúda sempre que este o fizer.

Acompanha o *diácono*, colocando-se à sua esquerda, um pouco atrás, durante a incensação [do coro] e do *subdiácono*, genuflectindo ou saudando sempre que o *diácono* genuflete ou saúde.

Depois da incensação do *subdiácono*, recebe o *turíbulo* (42) colocando-se à direita do *diácono*. Quando este se colocar no penúltimo degrau do altar e se voltar para o *turiferário*, este último incensa o *diácono* com 2 ductus, cada um de 2 ictus, saudando antes e depois da incensação (45, 1-3). Deste mesmo lugar, o *turiferário* incensa também o *cerimoniário* (1) com 1 ductus e 2 ictus (45, 1-3) logo que este se volte.

(1) O *cerimoniário* volta-se para o *turiferário* depois da incensação do *diácono*; no entanto, se neste momento deve ainda prestar assistência ao celebrante durante a leitura das secretas, espera, antes de se voltar, até ao começo do Prefácio, depois das respostas.

O *turiferário* aproxima-se, sem genuflectir, dos dois acólitos. Coloca-se na sua frente e incensa cada um em particular com 1 ductus e 2 ictus, saudando-os antes e depois de incensação (1).

Em seguida, vai colocar-se diante dos *ceroferários*, genuflectindo ao centro, incensa-os em conjunto com 3 ductus de um ictus: uma vez em frente, outra à esquerda e outra à direita (45, 3).

Genuflecte em seguida, ao centro, e volta para o seu lugar junto da credência.

Prefácio

Quando o celebrante diz «Orate, fratres», o *cerimoniário* responde, sobe ao altar e coloca-se no supedâneo, à esquerda do celebrante, a quem indica as Secretas e o Prefácio (2).

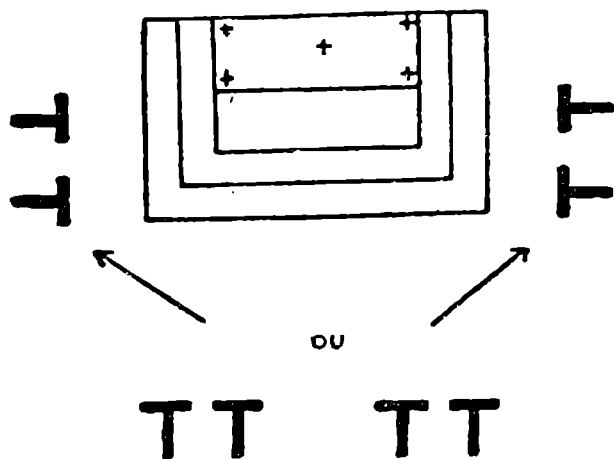
Entretanto, depois da incensação do diácono, volta-se para ser incensado, por sua vez, saudando antes e depois da incensação. No fim do Prefácio, faz sinal ao diácono e ao subdiácono para que venham colocar-se à direita e à esquerda do celebrante. Desce e espera, de lado, voltado para o altar. Ao «Sanc tus» o acólito dá sinal com a campainha (47).

(1) Não se esqueça a regra geral: «Quando vos saudarem, saudai também».

(2) Todos fazem inclinação profunda de cabeça às palavras «Gratias agamus Domino Deo nostro» (13A.)

Imediatamente, a seguir ao «Sanctus», o *cerimoniário* vem colocar-se ao centro, a certa distância do altar. Faz sinal aos *ceroferários*, que se colocam alinhados à sua direita e à sua esquerda. Genuflectem conjuntamente e vão dois a dois, precedidos pelo *cerimoniário* até à sacristia (1).

Voltam com as velas acesas na mão exterior e a outra colocada no peito (31). Chegados ao centro, genuflectem ao mesmo tempo todos, numa mesma linha ou dois a dois. O *cerimoniário* genuflecte com os dois primeiros. Poderão ajoelhar ao lado do altar (no caso



35. Colocação dos cereferários

(1) Se a sacristia se encontra detrás do altar, o *Cerimoniário* e os *Ceroferários* não vão ao centro, mas genuflectem no seu lugar depois do «Sanctus», indo directamente para a sacristia.

de se dar a Sagrada Comunhão durante a missa, para maior facilidade) ou então, em frente do altar, um pouco atrás do subdiácono (*fig. 35*).

Consagração

Depois de ter genuflectido ao centro, o *cerimoniário* coloca-se no seu lugar, no lado da Epístola, no plano em frente da extremidade do último degrau (1). Faz sinal ao *turiferário* para que lhe dê a naveta.

O *cerimoniário* impõe incenso e entrega a naveta logo que o *turiferário* tenha fechado o turíbulo (37). O *turiferário* leva a naveta à credência e vai colocar-se à esquerda do *cerimoniário*.

O *acólito* dá sinal com a *campainha* ao «*Hanc igitur*» (47): o *cerimoniário*, o *turiferário*, os dois *acólitos* ajoelham nos seus respectivos lugares.

Cada vez que o celebrante genuflecte e quando ele eleva a Sagrada Hóstia ou o Cálice, o *acólito* toca (47). A cada elevação, o *turiferário* incensa com 3 duc-tus de 2 ictus (45, 3). Todos fazem inclinação profunda de cabeça durante as palavras da consagração e adoram a Sagrada Hóstia ou o Cálice durante a elevação.

(1) Não havendo *ceroferários*, o *Cerimoniário* volta a este lugar imediatamente depois do «*Sanctus*» genuflectindo quando passar diante da cruz do altar.

Depois da consagração, todos se levantam. O turiferário vai colocar-se no meio entre os ceroferários, a não ser que devam permanecer até ao fim da comunhão (1).

Genuflectem ao mesmo tempo e vão à sacristia. A partir deste momento, o turiferário não terá mais que se preocupar com o turíbulo, a não ser que dele necessite depois da missa (2). Depois de genuflectirem (com um joelho) no regresso da sacristia, turiferário e ceroferários voltam para o seu lugar habitual.

Entretanto, o cerimoniário deixa o lado da Epístola e vai colocar-se no lado do Evangelho. Genuflecte ao centro e coloca-se no plano, de lado e voltado para o altar. Assim que o diácono se coloque à direita do celebrante, o cerimoniário genuflecte (9, 1) sobe ao altar e coloca-se à esquerda do celebrante.

Aí fará todas as genuflexões com o celebrante, e volta as páginas do missal quando for necessário.

Quando o celebrante cantar: «*Panem nostrum quotidianum*», o cerimoniário faz sinal ao diácono e ao subdiácono para que venham colocar-se à direita do celebrante. Ao mesmo tempo, o turiferário ou o acólito (no caso de o turiferário estar ocupado com o turíbulo),

(1) É o caso das Missas em que se distribui a Sagrada Comunhão, nas Missas de Requiem, nas Missas feriais do Advento e da Quaresma, nas Quatro-Têmporas, (excepto na oitava do Pentecostes) e nas Vigílias (excepto do Natal, da Epifania, da Ascensão, e do Pentecostes).

(2) Na sacristia, procura manter aceso o turíbulo, e se necessário for, deita-lhe brasas voltando em seguida com os ceroferários e trazendo o turíbulo.

sobe ao altar para tirar o véu de ombros ao subdiácono, genuflectindo em baixo, na base dos degraus laterais, antes de subir e depois de descer (9, 1).

Leva o véu de ombros à credência.

A Paz

Ao «*Pax Domini*», o *cerimoniário* faz sinal ao subdiácono para se vir colocar à esquerda do celebrante. Genuflecte ao lado do celebrante, desce pelo lado, diz o *Agnus Dei*, genuflecte ao centro e vai colocar-se defronte do altar no extremo do degrau inferior, do lado da Epístola.

Depois de o subdiácono ter recebido a paz, o *cerimoniário* genuflecte à direita do subdiácono e junto dele, [e condu-lo ao coro, primeiro ao lado do Evangelho, depois ao lado da Epístola, genuflectindo ao centro sempre que passe diante da cruz do altar. Regressado ao altar, o *cerimoniário* genuflecte, no plano, à direita do subdiácono e recebe a paz (19)].

Se não há coro, o *cerimoniário* recebe a paz imediatamente depois de o diácono e subdiácono terem genuflectido ao mesmo tempo.

Depois, o *cerimoniário* genuflecte e vai por sua vez dá-la ao turiferário, (19). Seguidamente, genuflecte no melo e dá a paz ao ceroferário que mais perto se encontra do altar (1). Este e o turiferário dão, por sua

(1) No caso de os ceroferários se conservarem até ao fim da comunhão.

vez, a paz aos outros ceroferários e aos dois acólitos (19). O *cerimoniário* genuflecte mais uma vez ao centro e volta para o seu lugar no lado da Epístola.

A Comunhão

À comunhão do celebrante, todos fazem a inclinação profunda de cabeça (13).

No caso de os acólitos comungarem, o *cerimoniário* faz sinal ao turiferário e aos acólitos para se aproximarem do altar quando o subdiácono descobrir o cálice. Em fila, no degrau inferior, colocou-se o *cerimoniário* ao centro, o *turiferário* à esquerda, o *primeiro acólito* (que deve trazer consigo a toalha da comunhão) à direita do *cerimoniário* e o *segundo acólito* à esquerda do *turiferário* e todos de joelhos.

Enquanto o diácono reza o «Confiteor», todos fazem inclinação profunda de cabeça (12) permanecendo assim inclinados até ao fim do «Misereatur».

Depois do «*Indulgentiam*» vão ajoelhar-se no degrau superior.

Depois de o *cerimoniário* e o *turiferário* terem comungado, vão — o primeiro para o lado da epístola e o segundo para o lado do evangelho, — substituir os ceroferários enquanto estes vão comungar (1).

Havendo comunhão dos fiéis, os *ceroferários* acompanham o celebrante à mesa da comunhão (levam

(1) Os dois acólitos permanecem de joelhos o tempo necessário para sustentarem a toalha da comunhão.

a vela na mão interior onde permanecem de joelhos, dois a dois, de cada lado (1). Os outros acólitos ajoelham no seu lugar até ao momento em que o diácono feche o sacrário. Em seguida, vêm genuflectir ao centro com o cerimoniário e voltam para a sacristia. No regresso e depois de terem genuflectido ao centro, cada um vai para o seu respectivo lugar.

As Abluções

Tirada pelo subdiácono a pala do cálice, o primeiro acólito sobe ao altar levando as galhetas e o prato. No caso de o celebrante não ter ainda tomado o Precioso Sangue, o acólito genuflecte na base dos degraus laterais, antes de subir. Espera no penúltimo degrau, voltado para o celebrante, e, quando este tomar o Precioso Sangue, faz inclinação profunda de cabeça. Logo que o subdiácono coloque as galhetas [no prato], o acólito volta para a credência.

Quando o diácono conduz para o lado oposto, o missal, o segundo acólito acompanha o subdiácono, levando o véu do cálice da credência para o lado do Evangelho e genuflectindo ao passar ao centro, diante da cruz,

(1) No caso da mesa da comunhão estar afastada do altar.

3. DA COMUNHÃO ATÉ AO FIM DA MISSA

Colocado o missal sobre o altar pelo diácono, imediatamente o *cerimoniário* deixa o seu lugar no lado da epístola e sobe ao altar, lateralmente. Coloca-se no penúltimo degrau para indicar ao celebrante a antífona do Comúlio e depois os Postcomúnios.

Depois de cantadas todas as orações e quando o celebrante for para o centro do altar, o *cerimoniário* fecha o missal ficando as folhas voltadas para o centro, (excepto no caso de haver um Evangelho que deva ser lido ainda. Neste caso deixa o missal registado com uma fita na página que indica este Evangelho e faz sinal ao subdiácono para mudar o missal).

À bênção, todos se ajoelham com os dois joelhos. Durante o último Evangelho, todos se voltam para o lado do Evangelho e genuflectem com o celebrante às palavras: «*Et Verbum caro factum est*». O *cerimoniário* faz sinal ao *turiferário*, aos *acólitos* (para que tomem os ciriais) e aos *ceroferários* para que todos se venham colocar numa única fila, segundo a ordem indicada na fig. 30.

O *cerimoniário* vai buscar os barretes: passa o do subdiácono ao *turiferário*.

Chegado o celebrante ao plano, o *cerimoniário* apresenta ao diácono os barretes do celebrante e do diácono e o *turiferário* oferece o do subdiácono. O *cerimoniário* dá sinal de genuflexão colectiva.

Mudados de lugar, passa com o turiferário entre os ceroferários do meio e tomando conjuntamente a cabeça da procissão, vão para a sacristia, fazendo antes a saudação colectiva ao coro, se o houver.

Chegados à sacristia, todos saúdam a cruz (13, A) e depois o celebrante (13). O turiferário e os dois acólitos ajudam o celebrante e os ministros a desparamentar-se se necessário for.

QUARTA PARTE

MISSA CANTADA SEM MINISTROS

Só por indulto é permitido o uso do turíbulo nas missas cantadas sem ministros, mesmo nos dias de grande festa e quando o Santíssimo estiver exposto.

Neste último caso, o Santíssimo seria incensado na altura da exposição e bênção, mas não durante a missa.

Os acólitos podem mas não devem levar ciriais, mesmo no caso de ser permitido o incenso. Não é permitido em caso algum a um cerimoniário leigo assistir ao celebrante para levar o cálice ao altar no momento do ofertório, substituir o diácono, nem de preparar o cálice depois das abluções e levá-lo à credência (1).

Todavia, o «*Memoriale Rituum*» permite a um cerimoniário leigo assistir ao celebrante para voltar as páginas do missal. Se é permitido o uso do incenso, pode fazer o papel de diácono para a incensação do altar e do celebrante.

(1) Proibido pelo decreto da S. C. dos Ritos n.º 4181 III.

Devem acender-se quatro ou seis velas (22). Antes de começar, coloca-se o cálice sobre o altar e abre-se o missal no Intróito da missa. As comemorações e o prefácio (solene ou ferial) serão marcados com fitas.

§ 1. A MISSA CANTADA E AJUDADA POR DOIS ACÓLITOS

1. O «Asperges»

Se a aspersão com a água benta se realiza antes da missa, a casula e o manipulo serão colocados previamente na credência. O primeiro acólito transporta a caldeirinha e os dois acólitos precedem o celebrante a caminho do altar.

Depois da genuflexão, o primeiro acólito oferece o hissopo ao celebrante (38). Os acólitos ajoelham à direita e à esquerda do celebrante e levantam-se depois de ter recebido a aspersão. Genuflectem e acompanham o celebrante: o segundo acólito caminha à direita e levanta a capa no percurso (46, 3)(1); o primeiro acólito transporta a caldeirinha e precede o celebrante. Ao fundo da nave, volta a molhar de novo o hissopo na água benta.

Chegado ao altar, o primeiro acólito toma a caldeirinha (18) e, depois de ter genuflectido vai colocá-la ou na credência ou na sacristia.

(1) No caso de o celebrante não levar capa, o segundo acólito vai ao lado do primeiro, diante do Celebrante.

Volta ao seu lugar, junto dos bancos, onde espera o celebrante. O *segundo acólito* à direita do celebrante dá-lhe o livro ou o cartão próprio, que colocará sobre a credência depois das orações, quando o celebrante deixar o altar e for junto dos bancos para se revestir dos paramentos sagrados. Os dois acólitos ajudam-no.

2. A Santa Missa

Os dois acólitos observam o mesmo cerimonial da missa rezada ajudada por dois acólitos (pág. 88) (1).

Pode acontecer que o celebrante queira sentar-se durante o Glória, o Credo, ou mesmo durante os Kyries e a Sequência. Neste caso, o barrete coloca-se sobre o banco e não na credência. Os *acólitos* genuflectem quando deixam o altar e acompanham o celebrante ao banco. O *primeiro acólito* oferece o barrete (18) e ambos levantam a casula (46, 1). Não se sentam ao lado do celebrante, mas detrás dele e fazem, como ele, todas as inclinações de cabeça.

Quando o celebrante se levanta, o *primeiro acólito* recebe o barrete (18). Voltando ao altar, ambos genuflectem quando o celebrante saúda ou genuflecte.

(1) No caso de a missa cantada ser ajudada por um só acólito, este deve seguir as mesmas regras que para a missa rezada ajudada por um acólito (pág. 67).

§ 2. A MISSA CANTADA, AJUDADA POR VÁRIOS ACÓLITOS (1)

A entrada faz-se como se indicou para a Missa Solene *fig. 28-29, 2)* com esta particularidade: o *turiferário* vai só à frente de todos e o *cerimoniário* à frente do celebrante.

Ao deixar a sacristia, é o *cerimoniário* que oferece água benta ao celebrante (35) [a não ser que tenha havido Asperges antes da Missa. Neste caso, caminha à direita do celebrante e levanta a capa no percurso (46, 3). A aspersão com a água benta faz-se segundo as indicações dadas acima (pág. 100). O *turiferário* e o *cerimoniário* substituem o primeiro e o segundo acólito. O *cerimoniário* e um *acólito* ajudam o celebrante a revestir-se dos paramentos sagrados. Só o *cerimoniário* volta com o celebrante ao altar.]

Depois da genuflexão colectiva, cada um vai para o seu lugar e ajoelha como se fosse para uma missa solene, excepto o *cerimoniário* que se ajoelha à esquerda do celebrante e responde às orações ao pé do altar (2).

Quando o celebrante diz: «Oremus» todos se levantam.

O *cerimoniário* pode levantar um pouco a alva

(1) Isto é, com Cerimoniário, Turiferário, os 2 acólitos e os ceroferários.

(2) É igualmente o *cerimoniário* que durante a missa responde às orações.

do celebrante enquanto sobe, e vai para o lado da Epístola ao longo dos degraus do altar. Igualmente o *turiferário*. Sobem ambos até junto do celebrante. O *turiferário* entrega a naveta ao *cerimoniário* (27 e 37).

Depois da imposição do incenso (38), o *turíbulo* é entregue ao *cerimoniário* (39) que o passa ao celebrante; o *turiferário* leva a naveta à credência e volta para pegar no missal. Espera na base dos degraus laterais, voltado para o altar e coloca o missal no seu lugar logo que o celebrante comece a incensar o lado do Evangelho.

Durante a incensação, o *cerimoniário* levanta ligeiramente com a mão direita ou a mão esquerda a casula do celebrante: toma-a lateral e naturalmente (46, 3) e genuflecte. O celebrante entrega o *turíbulo* ao *cerimoniário* (42) que o incensa, e este, voltando-se para a direita, entrega o *turíbulo* ao *turiferário* que vai para junto da credência (26, b).

Durante o «Introito», o *cerimoniário* coloca-se à direita do celebrante, no penúltimo degrau do altar. Quando o celebrante for para o centro, o *cerimoniário* desce de lado e espera na base dos degraus, voltado para o altar.

No caso de o celebrante se sentar durante os Kyries e o Glória, o *cerimoniário* genuflecte no seu lugar, diante do altar, à direita do celebrante que conduz até junto do banco. O primeiro *acólito* dá o barrete ao *cerimoniário* que, por sua vez, o dá ao celebrante.

te (18). Os dois acólitos levantam a casula (46), 1). Todos fazem como na missa solene (pág. 106).

Voltando ao altar, o *cerimoniário* faz a genuflexão à direita do celebrante e vai para o lado da epístola, indicando as orações e a Epístola (1).

Depois da Epístola, se o celebrante não for sentar-se durante a Sequência, faz sinal ao *turiferário*. Quando o celebrante e o *cerimoniário* se colocam no centro, o *turiferário* sobe ao altar. Depois da imposição do incenso (38), fecha o turíbulo, recebe a naveta, desce e vai colocá-la na credência. Em seguida, genuflectindo ao meio vai com o turíbulo ao lado do Evangelho, onde se se coloca no degrau inferior, voltado para o centro.

Entretanto, o *cerimoniário* leva o missal para o lado do Evangelho, como o acólito faz na missa rezada (pág. 76) mas permanece à esquerda do celebrante durante o canto do Evangelho. O *turiferário* coloca-se ao lado do *cerimoniário*, a quem passa o turíbulo. (39). Depois de anunciar o Evangelho, o *cerimoniário* dá o turíbulo ao celebrante com a mão direita e seguro pela cápsula (40). Depois da incensação do missal, o *turiferário* desce e durante o canto do Evangelho os acólitos segurando os ciriais colocam-se junto do celebrante e todos se voltam para o missal.

(1) Se a Epístola é cantada por um clérigo, o livro das Epístolas é-lhe entregue junto da credência por um acólito. Este não acompanha o Leitor.

No fim do Evangelho, o *cerimoniário* desce e incensa o celebrante (45). Passa o *turiferário* que genuflecte ao centro e vai à credência. Depois da incensação do celebrante, o *cerimoniário* coloca o missal obliquamente perto do corporal, levantando a estante e não a arrastando sobre as toa-lhas do altar. Havendo de cantar-se o «Credo», desce e faz o mesmo que para o «Glória».

Depois do «Credo», genuflecte e coloca-se à direita do celebrante para receber o véu do cálice.

Não havendo «Credo», o *cerimoniário* permanece no supedâneo para indicar a antífona do Ofertório. Seguidamente, depois de ter genuflectido no centro, no plano antes do degrau inferior, coloca-se à direita do celebrante.

Recebe o véu do cálice, dobra-o e oferece sucessivamente as galhetas do vinho e da água.

Ao Ofertório, os Acólitos cumprem as suas obrigações como na missa solene (pág. 114).

O *Cerimoniário* faz sinal ao *turiferário*. Tudo se passa como na primeira incensação (pág. 105), mas o *turiferário* coloca-se no lado do Evangelho a fim de levantar o missal do altar e vem, em seguida, para o lado da Epístola.

Depois da incensação do celebrante, o *turiferário* vai incensar o coro (1), o *cerimoniário*, os *acólitos*,

(1) Na incensação do coro, isto é, dos sacerdotes em hábito coral e dos cantores, incensam-se os sacerdotes

os *ceroferários*, o povo da mesma maneira como se realiza na missa solene (45 e pág. 115).

O *cerimoniário* vem então do lado do Evangelho, genuflecte ao centro e espera na base dos degraus laterais, voltado para o celebrante.

Quando este disser «*Orate, fratres*», o *cerimoniário* sobe ao altar, onde permanece até às abluções, de pé, à esquerda do celebrante para indicar as *Secretas*, o *Prefácio* e voltar as páginas. Só à consagração deixa o lugar junto do missal: vai directamente ajoelhar-se no degrau superior, um pouco atrás e à direita do celebrante, e levanta a *cásula* a cada elevação (46, 2 e fig. 23). Ao altar, o *cerimoniário* faz as genuflexões que o celebrante fizer.

O *Acólito* toca como habitualmente (47). Ao «*Sanc-tus*», os *ceroferários* exercem a sua função como na missa solene (pág. 117) mas o *cerimoniário* não os acompanha. O *turiferário* pede a um *acólito* que imponha o incenso. Vem ao lado da epístola, ajoelha, no extremo anterior do degrau inferior e faz como na missa solene (pág. 118) para a incensação durante a consagração. Acompanha, em seguida, os *ceroferários* à sacristia e vem com eles, a não ser que devam permanecer até ao fim da comunhão.

cada um separadamente e os cantores conjuntamente, começando pela pessoa mais digna. Igualmente se saúda, antes e depois da incensação, primeiro o lado mais digno e depois o outro.

Consumida a Sagrada Hóstia e tomado o Precioso Sangue, todos fazem inclinação profunda de cabeça (13). Se comungam, o *cerimoniário* desce de lado e coloca-se de frente, ao centro, onde vêm igualmente o *turiferário* e os *acólitos*, como na missa solene (pág. 121). [Se forem somente os fiéis a comungar o *cerimoniário* ajoelha na base dos degraus laterais do lado do Evangelho, onde diz o «Confiteor»].

O primeiro *acólito* serve o celebrante às abluções e, depois da segunda ablução, o *cerimoniário* leva o missal para o lado da Epístola. Apresenta o véu do cálice ao celebrante, indica-lhe a antífona do «Comunio» e depois o «Postcomunio». Fecha o missal a não ser que deva ser lido um segundo Evangelho. Neste caso, leva o missal para o lado do Evangelho, como havia feito para o primeiro, e desce depois pelo lado. Depois de ter respondido, genuflecte ao centro e volta ao lado do Evangelho onde espera de lado, na base dos degraus.

Todos ajoelham para receber a bênção do celebrante. Durante o último Evangelho, o *cerimoniário* coloca-se no último degrau do altar, à esquerda do sacerdote e todos se voltam para o lado do Evangelho.

Depois da genuflexão ao «*Et Verbum caro factum est*», o *cerimoniário* faz sinal ao *turiferário* (levando este consigo o barrete do celebrante), aos *acólitos* e aos *ceroferários*. Quando o celebrante descer do altar, o *cerimoniário* coloca-se à direita. Dá um sinal para a genuflexão colectiva. O *turiferário* oferece o bar-

rete que o cerimoniário apresentará ao celebrante (18).

Todos deixam o altar observando a mesma ordem da entrada.

APÊNDICE I

MISSA SOLENE COM EXPOSIÇÃO DO S.S.^{mo} SACRAMENTO

1. Genuflexões e inclinações

No que diz respeito a genuflexões, observam-se as regras 8-11 como acima se disse na página 22. Não se saúda ninguém, excepto na incensação (1) e no ósculo da paz (19).

Sempre que o sacerdote incensa o SS.^{mo} Sacramento, todos devem estar de joelhos.

2. Função dos Acólitos

Depois da última genuflexão colectiva, se o Santíssimo vei ser exposto, observam-se as regras indicadas adiante (pág. 163).

Se o Santíssimo já estiver exposto, o sacerdote e os seus assistentes tiram o barrete logo que cheguem ao coro, não se servindo mais deles, motivo por que

(1) Mesmo nessa ocasião, não se saúda o coro antes e depois da incensação.

devem os barretes ficar na credência e não sobre os bancos.

Quando se estiver sentado, têm-se as mãos postas diante do peito (4).

O Sacerdote desce pelo lado para ser incensado depois da incensação do altar e para o lavabo. Os acólitos esperam aí, com as costas voltadas para o povo, a uma distância suficiente para que o sacerdote, descendo pelo lado, possa facilmente movimentar-se e voltar-se para o povo.

Quando o Santíssimo é exposto depois da Comunhão, o cerimoniário volta à credência depois de receber a paz: toma nas suas mãos o ostensório coberto com um véu branco, colocando-o sobre o altar, no lado da Epístola, e leva o véu branco para a credência.

Se houver procissão ou bênção ou exposição do Santíssimo depois da Missa, o turiferário (1) conserva o turíbulo até este momento. No princípio do último Evangelho, os ceroferários vão à sacristia buscar as velas como na altura do «Sanctus». Entretanto, o cerimoniário não os acompanha. Chegam e ocupam os seus lugares como na consagração (pág. 117).

Depois do último Evangelho, o Sacerdote e os seus

(1) Requer-se um segundo turiferário para a procissão com o SS.^{mo} Sacramento. Entra no coro com os ceroferários. Onde se puder fazer convenientemente, tiram-se as sacras, o missal e a estante depois do último Evangelho.

assistentes vão junto dos bancos onde colocam o manipulo, revestindo-se o sacerdote da capa.

O turiferário e os dois acólitos permanecem ajoelhados, no seu lugar, junto à credência, a não ser que devam ocupar o centro para a procissão do Santíssimo. Durante a bênção observam-se as rubricas explicadas na página 163.

Notas:

1. Durante uma missa rezada ou uma missa cantada sem ministros, os acólitos não beijam qualquer objecto que entreguem ou recebam do sacerdote.
2. Após a exposição do Santíssimo não se deve tocar a campainha durante a Missa rezada que esteja a ser celebrada noutra altar (47).

APÊNDICE II

MISSA SOLENE COM PRESBÍTERO ASSISTENTE (1)

Na ida para o altar como no regresso à sacristia, o Presbítero Assistente vai à esquerda do celebrante. Durante as orações ao pé do altar, coloca-se à direita do celebrante, entre ele e o diácono.

O Presbítero Assistente senta-se ao lado dos outros ministros, à direita do diácono, mas voltado para o povo, ou à esquerda do subdiácono e voltado para o altar.

É ao cerimoniário ou a um acólito que pertence oferecer o barrete ou levantar a capa do Presbítero Assistente.

Durante a incensação do altar, deve o Presbítero Assistente levantar o missal, só o fazendo o cerimoniário no caso de o Presbítero Assistente o não fazer.

O cerimoniário não assiste ao sacerdote no missal.

Durante o Intróito, as orações, as secretas, o Prefácio, depois do «Nobis quoque peccatoribus» até ao «Pax Domini» e durante as últimas orações, o cerimoniário permanece no seu lugar junto dos degraus,

(1) Por ocasião duma Primeira Missa.

no lado da Epístola. No restante exerce a sua função como numa missa solene ordinária.

À incensação, o Presbítero Assistente é incensado imediatamente depois do coro, ou, se não houver coro, depois da incensação do celebrante.

Se não é o subdiácono, mas o Presbítero Assistente que leva a Paz ao coro, o cerimoniário genuflecte junto do Presbítero Assistente quando ele descer e condu-lo ao coro.

De regresso ao altar, genuflecte à direita do Presbítero Assistente que dá a Paz ao subdiácono.

APÊNDICE III

LITURGIA DOS DEFUNTOS

1. MISSA REZADA DE REQUIEM

Nas missas de Requiem:

- a) Não se beija nenhum objecto que se receba ou que se entregue ao celebrante.
- b) Omite-se o salmo «Judica-me» e não se repete a antífona «Introibo».
- c) Não se faz o sinal da cruz ao «Introito» (5)
- d) Ao «Agnus Dei» não se bate no peito.
- e) Em lugar de «Ite, missa est», o sacerdote diz: «Requiescant in pace» e o acólito responde «**Amen**».
- f) Não se dá a Bênção.

2. MISSA DE REQUIEM CANTADA SEM MINISTROS

Duma maneira geral, seguem-se as regras dadas para a missa cantada ordinária tendo em atenção o seguinte:

Durante o canto do «Dies iræ», o sacerdote senta-se. Os acólitos fazem inclinação profunda de cabeça à palavra «Jesus», levantam-se com o sacerdote ao versículo «Inter oves locum præsta». O 2.º acólito acompanha o sacerdote ao altar enquanto o primeiro leva o livro (34, 1).

Os dois ceroferários permanecem ajoelhados até à Comunhão.

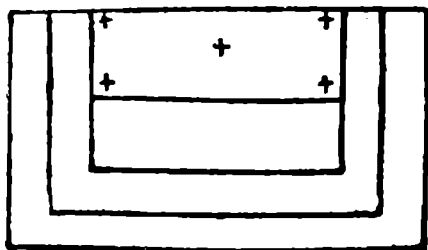
Só se faz a incensação ao Ofertório, (do celebrante somente, depois da incensação do altar) e à Consagração.

Se houver, depois da Missa, Absolvição, o turiferário continuará com o turíbulo aceso até ao fim (26, b).

Absolvição

Requerem-se os seguintes acólitos: um cerimoniário, um turiferário, um acólito para transportar a caldeirinha com o hissopo, um acólito para levar a cruz (30) e dois ceroferários com castiçais e respectivas velas acesas (1).

(1) Nem as velas nem os castiçais podem ostentar insígnias fúnebres.



36. Colocação para a procissão que se vai dirigir para a essa

rete sem ósculo. Celebrante e cerimoniário vêm então para o meio.

Ao sinal do cerimoniário, todos genuflectem, exceptuando o acólito da cruz e os dois ceroferários.

Chegados junto da essa, o turiferário e o acólito da caldeirinha deixam passar o acólito da cruz e os dois

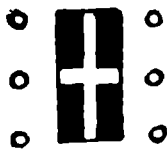
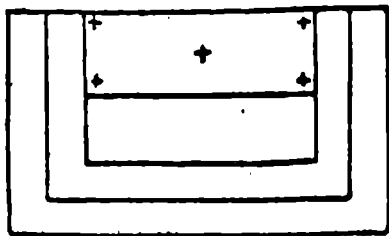
Entram no coro no fim da Missa, exceptuando os que já lá se encontram em serviço.

Depois do último Evangelho, o cerimoniário convida os diferentes acólitos que virão colocar-se à direita e à esquerda da cruz, ficando atrás o turiferário e o que leva a caldeirinha. (v. *fig. 36*).

O cerimoniário conduz então o celebrante ao banco e ajuda-o a tirar a casula e o manipulo e a revestir a capa. Dá-lhe o bar

ceroferários, que pela direita e ao longo da essa se vão colocar no extremo oposto com as costas voltadas para os fiéis.

O celebrante e o cerimoniário colocam-se então voltados para o povo como indica a fig. 37 (1).



37. Colocação à volta da essa

O cerimoniário recebe o barrete do celebrante e indica-lhe as orações a recitar (2).

À repetição do versículo «Libera», o turiferário aproxima-se do celebrante para a imposição do incenso, entregando a naveta ao cerimoniário. Uma vez abençoado o incenso, o turiferário

fecha o turíbulo, recebe a naveta e volta para o seu lugar.

(1) Os cantores colocam-se à direita e o coro volta-se para o catafalco.

(2) No dia do funeral, o celebrante canta «Non intres in iudicium». Nos outros casos, os cantores começam o «Libera me» logo que o celebrante chegue ao catafalco.

O acólito da caldeirinha entrega o hissope ao cerimoniário que o mergulha na água benta e o entrega ao celebrante após a entoação do «Pater noster».

O celebrante volta para o altar, genuflecte ou faz inclinação. O cerimoniário genuflecte ao lado dele. Simultaneamente dão a volta à essa, caminhando o cerimoniário à direita do celebrante e levantando-lhe a capa. Ao passar diante da cruz, o cerimoniário genuflecte ao lado do celebrante que se inclina. Novamente nos seus lugares, o cerimoniário recebe o hissope, que entrega ao respectivo acólito.

Recebe então o turíbulo das mãos do turiferário, entrega-o ao celebrante, genuflecte de novo em frente do altar e acompanha o sacerdote para o incensação do catafalco.

Terminada a incensação, o cerimoniário recebe o turíbulo (42) que entrega ao turiferário. Indica as orações a cantar e, logo que estas terminem, faz sinal ao acólito da cruz e aos ceroferários. Entrega o barrete ao celebrante e todos voltam na mesma ordem em que vieram.

Durante o percurso, vão respondendo à recitação do «De profundis».

3. MISSA SOLENE DE REQUIEM

Coloca-se na credência o cálice, convenientemente preparado e coberto com o véu preto. Não se utiliza o véu de ombros.

Todos, com excepção do cerimoniário, se ajoelham e permanecem ajoelhados:

— durante as orações, depois do primeiro «Oremus» até ao último «Amen»;

— depois do «Sanctus» até ao «Pax Domini»;

— durante os «postcomúnios» até ao princípio do último Evangelho.

Não se dá a paz.

Deveres dos Acólitos

1 — Turiferário

Por duas vezes deve o turiferário apresentar o turíbulo:

— ao Ofertório, unicamente para incensar o celebrante, depois da incensação do Altar;

— à Consagração. O cerimoniário impõe o incenso como uma Missa Solene ordinária. O turiferário coloca a naveta na credência, e, logo que se inicie o «Quam oblationem», apresenta o turíbulo ao Subdiácono (40), recebendo-o depois da consagração.

Se à Missa se seguir a Absolvição, deve manter o turíbulo aceso até esse momento (26, b).

II — Acólitos

Ao Evangelho não levam velas, mas permanecem ao lado do Subdiácono, de mãos postas.

Depois do Ofertório, o segundo acólito, aproximando-se do altar, recebe do subdiácono o véu do cálice, que vai colocar na credência correctamente dobrado.

III — Ceroferários

Sòmente dois, ou quando muito quatro, que se conservam ajoelhados junto do altar até depois da Comunhão do celebrante.

IV — Cerimoniário

Depois das orações junto do altar, o cerimoniário coloca-se no lado da Epístola. Sobe até ao penúltimo degrau, à direita do celebrante e indica-lhe o Introito sem fazer o sinal da cruz (5) e as Orações, como na Missa Solene ordinária.

Depois de ter cantado a Epístola, o subdiácono não vai pedir a bênção ao celebrante, entregando imediatamente o Missal ao cerimoniário que o coloca na credência.

Durante o canto do «Dies iræ» o Celebrante e os Ministros sentam-se. Fazem inclinação à palavra «Jesus» e levantam-se ao versículo «Inter oves locum præsta». O cerimoniário procura agora o Evangeliário na credência para o entregar ao diácono. Faz sinal ao turiferário e aos acólitos, que, sem turíbulo nem velas, se vêm colocar no meio como na Missa Solene ordinária.

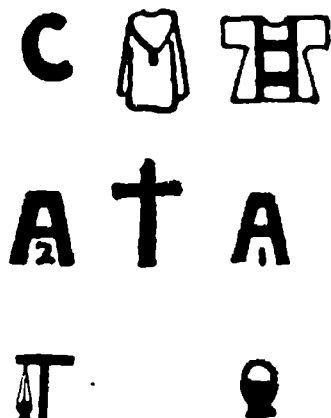
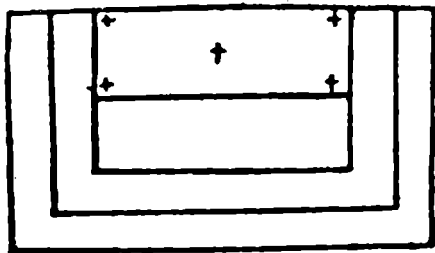
Depois do Evangelho, o cerimoniário recebe o Evangeliário das mãos do Subdiácono, logo que este se aproxime do altar.

Absolução

Depois do último Evangelho, o cerimoniário convida os diversos acólitos a ocupar o seu lugar, conforme a figura 38.

O cerimoniário conduz o sacerdote e os ministros até aos bancos e ajuda o celebrante a tirar a casula e o manípulo, e a revestir-se de capa.

Diácono e subdiácono tiram também os manípulos.

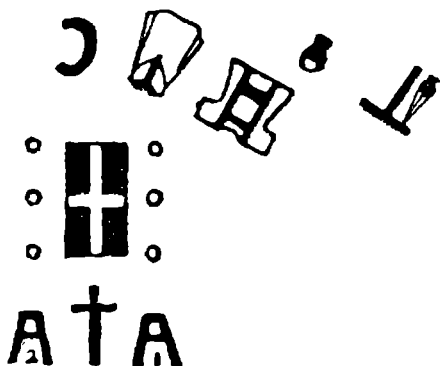
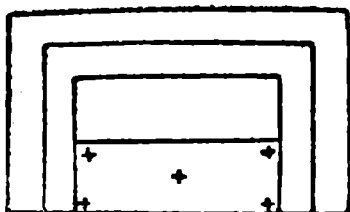


38. Colocação no coro quando a procissão se dirige para a esso nos funerais solenes

O cerimoniário entrega o barrete ao diácono e a cruz ao subdiácono. Logo que todos ocupem o respectivo lugar, faz sinal para a genuflexão. Só os acólitos colocados junto do subdiácono não genuflectem.

Junto da essa, todos ocupam o lugar indicado acima quando nos referimos à absolvição depois da Missa Cantada sem Ministros, excepto o cerimoniário que fica, agora, à direita do celebrante. Recebe o barrete do celebrante e do diácono (1).

(1) No funeral dum sacerdote, os lugares são em ordem inversa: o subdiácono fica de costas voltadas para o altar e o celebrante de costas voltadas para os fiéis.



39. Colocação junto da essa no mesmo caso

Logo que comece a repetição do «Libera me», o cerimoniário chama o turiferário para a imposição do incenso. Entrega a naveta ao diácono e levanta ligeiramente a capá do celebrante (46, 3). Ao «Kyrie» o acólito da caldeirinha aproxima-se e entrega o hissope ao diácono que o mergulha na água.

O cerimoniário acompanha o celebrante e o diácono durante a aspersão e a incensação da essa, genuflectindo cada vez que passar diante do altar ou diante da cruz da procissão. Depois da aspersão, o acólito da caldeirinha recebe o hissope do diácono a quem o turiferário entrega o turíbulo (40).

Depois da incensação, o turiferário recebe o turíbulo (42).

Após a última oração, o cerimoniário faz sinal ao subdiácono e aos acólitos. Entrega os barretes ao celebrante e ao diácono e todos regressam à sacristia na mesma ordem com que entraram.

Durante o percurso, respondem ao salmo: «De profundis».

APÊNDICE IV

MOVIMENTOS CONJUNTOS DOS FIÉIS DURANTE A SANTA MISSA ⁽¹⁾

É esta uma regra geral: os fiéis estão de pé quando cantam. É portanto necessário que todos se levantem antes de responder, e que o celebrante ou o diácono esperem que o silêncio se restabeleça, antes de começar.

- | | |
|--|----------|
| 1. À entrada do celebrante | de pé |
| (durante o Asperges) | de pé |
| 2. Intróito | de pé |
| (na missa dialogada: as orações ao pé do altar de joelhos) | |
| 3. Kyries, Glória, Orações | de pé |
| 4. Epístola, Gradual, etc. | sentados |

(1) As regras que se seguem são aplicáveis, sobretudo, nas paróquias onde está introduzida a participação activa na Santa Missa.

- | | |
|---|------------|
| 5. Evangelho (antes de o Diácono co-
meçar) e Credo (genuflecte ao «Et
incarnatus est») | de pé |
| 6. Depois do «Dominus vobiscum»
que precede o Ofertório até ao Pre-
fácio | sentados |
| 7. Prefácio («Per ómnia sæcula») —
ou quando o turiferário se aproxi-
ma para a incensação dos fiéis —
e «Sanctus» | de pé |
| 8. Cânon, antes da consagração | de joelhos |
| 9. Depois da consagração até depois
do «Agnus Dei» | de pé |
| 10. Comunhão | de joelhos |
| 11. Do «Dominus vobiscum» depois da
antífona do «Comúnio» até ao «Ite,
Missa est» | de pé |
| 12. Bênção | de joelhos |
| 13. Último Evangelho (genuflecte-se ao
«Et Verbum») e no regresso do cele-
brante | de pé |

QUINTA PARTE

VÉSPERAS SOLENES

§ 1. NOTAS GERAIS

As Vésperas solenes devem ter: um cerimoniário, um turiferário e dois acólitos.

Acendem-se quatro velas para as Vésperas solenes presididas por um sacerdote revestido de capa e seis quando o sacerdote tem dois assistentes revestidos de capa ou de sobrepeliz.

O guarda-pó do altar pode conservar-se mesmo durante as Vésperas solenes; só à incensação se deve colocar a meia parte da frente sobre a meia parte posterior.

Está-se de joelhos:

— durante a oração «Aperi, Dómine»;

— durante o cântico da primeira estrofe dos hinos: «Veni Creator» e «Ave, Maris stella»; às estrofes: «O Crux, ave» do hino «Vexilla Regis» e durante o «Tantum ergo» do hino «Pange lingua». Neste último caso, só quando estiver o Santíssimo exposto;

— durante as orações no tempo penitencial e nas comemorações que se lhes seguem (1).

(1) O sacerdote conserva-se de pé desde o «Dominus vobiscum» que precede a primeira oração.

— durante a antífona de Nossa Senhora, no fim de Vésperas, excepto no sábado, no domingo e durante o tempo pascal (nestes dias é de pé que se reza).

Está-se de pé:

— depois do «Pater Noster» até ao primeiro hemistiquio do primeiro salmo;

— depois da Capítula até ao fim de Vésperas, compreendendo as comemorações, excepto durante o canto da antífona antes e depois do «Magnificat» (sentados), durante as orações penitenciais (de joelhos), e a antífona de Nossa Senhora (de joelhos), exceptuando os dias acima mencionados nos quais se conservam de pé igualmente durante a antífona final.

Está-se sentado:

— durante o canto dos salmos e suas antífonas bem como na antífona antes e depois do Magnificat (1).

No que respeita a sinais da cruz, inclinações de cabeça e genuflexões, convém recordar as regras 5-6 e 8-15 explicadas a páginas 19, 21, 22 e 29.

§ 2. PREPARATIVOS E OUTRAS CERIMÓNIAS DAS VÉSPERAS SOLENES

Na Sacristia: O turiferário prepara o turíbulo mas não o leva logo para junto do altar. Os acólitos ajudam o sacerdote e os ministros a paramentar-se.

(1) Excepção para as antífonas «O» durante o Advento, que se deve conservar de pé.

Ao sinal dado pelo cerimoniário, todos saúdam colectivamente a cruz (13, A) e deixam a sacristia: cerimoniário e turiferário vão à frente, seguidos pelos acólitos com os ciriais (29). Ao sair da sacristia tomam água benta (35).

Chegados ao altar, todos se colocam no plano perto do último degrau do altar, todos numa fila, excepto o turiferário que deixa passar todos à sua frente collocando-se ao meio, atrás do sacerdote. Se houver cantores, collocam-se à esquerda e à direita do turiferário (fig. 40).

A um sinal do cerimoniário, todos genuflectem ao mesmo tempo. Os acólitos collocam os ciriais na sua frente, no degrau inferior, salvo onde for costume collocá-los nas credências, apagam as velas e voltam para os seus lugares.

Todos se ajoelham imediatamente com ambos os joelhos, o sacerdote (e os ministros) no último degrau, os acólitos no plano inferior, sem se deslocarem dos seus lugares. Benzem-se e persignam-se, levantam-se ao mesmo tempo que o sacerdote, genuflectem e vão para perto da credência (1). Deixam ficar os ciriais no degrau do altar. Os cantores vão para a estante (2).

Reza-se o «Pater» e o «Ave» e logo que o sacerdote entoa o «Deus in adjutorium meum intende», todos fazem o sinal da cruz (5). Ao «Glória Patri» to-

(1) Se o houver, saúda-se o coro.

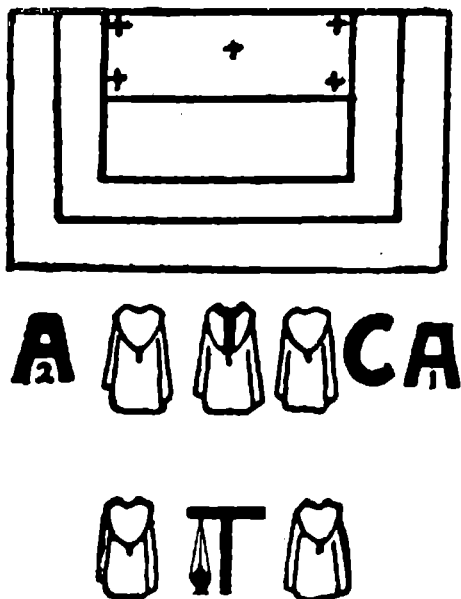
(2) É muito de louvar que a estante esteja coberta com um véu da mesma cor e natureza dos paramentos.

dos se voltam para a cruz do Altar e fazem a inclinação profunda de cabeça (13 A).

Depois do primeiro hemistíquio do primeiro salmo, todos se sentam. Os dois acólitos levantam neste momento as capas (46, 1).

O *cerimoniário* senta-se ao lado, à direita do primeiro assistente.

Durante o canto do «Glória Patri» no fim de cada salmo e, onde for costume, nos versículos «Sit nomen Domini Benedictum» e «Sanctum et terribile nomen



40. Lugares que ocupam no coro os vários membros para as vésperas solenes

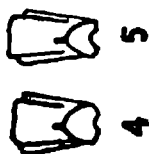
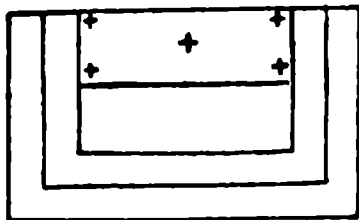
ejus» todos fazem inclinação profunda de cabeça (13, A). Antes de cada inclinação, o cerimoniário faz ligeiro sinal ao sacerdote.

Ao começar o quarto salmo, o turiferário vai à sacristia, reacende as brasas e volta com o turíbulo e a naveta tempo da incensação na litura do «Magnificat».

No fim do quinto salmo, os acólitos aproximam-se do altar, genuflectem ao centro e vão acender os ciriais. Esperam, sem pegar nos ciriais e fazem inclinação profunda de cabeça durante o «Glória Patri». Ao «Sicut erat» tomam os ciriais (29), genuflectem ao mesmo tempo, ao centro, diante do último degrau e voltam para junto dos bancos. Saúdam o sacerdote com uma leve inclinação de cabeça (15) e colocam-se perto dele, de cada lado, [ou à direita do primeiro assistente e à esquerda do segundo], voltados um para o outro, sem deporem os ciriais.

O cerimoniário faz sinal ao sacerdote para se levantar. [Durante o canto da capitula todos fazem as inclinações de cabeça sempre que as faça o sacerdote, excepto os dois acólitos.]

Logo que o coro ou os cantores tenham respondido «Deo Gratias», os acólitos depõem os ciriais ou voltam-se para o sacerdote, saúdam-no, genuflectem ao centro e colocam os ciriais onde se encontravam, mas não apagam as velas.



41. Ordem a observar na incensação durante as vésperas solenes

Em seguida, sobem lateralmente até ao penúltimo degrau do altar, o 1.º Acólito do lado da Epístola e o 2.º do lado do Evangelho e ambos dobras

o guarda-pó, ficando descoberta apenas a meia parte anterior do altar.

Descem, genuflectem ao centro e voltam para os seus lugares junto dos bancos.

Durante o canto da última estrofe do hino, todos fazem inclinação profunda de cabeça (13, A) voltados para a cruz do Altar.

[À entoação da antífona do «Magnificat», se é cantada integralmente, todos se sentam].

Entoados o «Magnificat», todos se levantam e se benzem (5). O cerimoniário indica ao sacerdote que suba ao altar (com os ministros). A imposição do incenso e a incensação fazem-se como na Missa Solene (p. 105) ou como na Missa Cantada sem Ministros (p. 105).

[Dado o caso de se celebrarem estas cerimónias fora do Altar onde esteja o Santíssimo, as velas devem estar acesas tanto num como no outro. O cerimoniário e o turiferário caminham à frente na procissão e são seguidos pelos acólitos com os ciriais: todos genuflectem ao chegar e ao deixar os dois altares].

Quando o sacerdote, no fim da incensação, chegar ao lado da Epístola, o turiferário sobe lateralmente e recebe o turíbulo. Desce, sempre lateralmente, genuflecte (ao lado do cerimoniário, se este não tiver assistido ao sacerdote durante a incensação) e volta para junto dos bancos onde o sacerdote (e os mi-

nistros) e o cerimoniário ocuparão os seus lugares, ficando de pé.

O turiferário vai colocar-se à direita do primeiro assistente ou do cerimoniário, antes da incensação do sacerdote. Dá o turíbulo (40), saúda antes e depois da incensação [levanta a capa do assistente] (46, 3). Recebe o turíbulo, incensa o primeiro e o segundo assistente (45, 3) saudando o sacerdote quando passar na sua frente.

Seguidamente, o turiferário incensa os cantores, [o coro] o cerimoniário, os dois acólitos (que para tal virão colocar-se um pouco à esquerda) e o povo, genuflectindo no centro, sempre que achesse a igreja, e saudando o sacerdote cada vez que passar na sua frente.

Terminada a incensação, canta-se o «Glória Patri». Todos fazem inclinação profunda à cruz do Altar, fazendo-a também o turiferário que aguarda o final da inclinação para voltar junto da credência.

Ao «Sicut erat» os acólitos deixam os seus bancos e vão buscar os ciriais, genuflectindo ao centro, e colocam-se ao lado do sacerdote, como fizeram para a capitula. A cada oração tomam nas suas mãos os ciriais que colocam de novo, em frente de si, durante o canto da antífona das comemorações.

[No caso de haver «Preces», os acólitos não vão buscar os ciriais, mas, depois da antífona do «Magní-

ficat», todos, excepto os cantores, ajoelham como fizeram no «Aperi».]

Cantado o «Dominus vobiscum» pelo sacerdote, depois da última oração, os acólitos voltam-se para o sacerdote, saúdam-no, vão ao meio do altar onde genuflectem, salvo se devem permanecer junto dos seus bancos, colocando-se nesta altura o turiferário entre eles.

Depois do «Fidelium», o cerimonjário acompanha o sacerdote e os ministros à frente do altar. À entoação da antífona de Nossa Senhora, todos se ajoelham ou permanecem de pé como o sacerdote. Se estão de joelhos, só o sacerdote se ergue para cantar a oração.

Entretanto, os cantores deixam os seus lugares e vêm ao centro, colocando-se à direita e à esquerda dos ministros e do sacerdote. Depois da genuflexão colectiva, voltam para a sacristia (1), onde, à chegada, todos saúdam a cruz e em seguida o sacerdote (15). Se for necessário, os acólitos ajudam o sacerdote e os ministros a tirar os paramentos.

(1) Antes de saírem, saúdam colectivamente o coro, se existir.

APÊNDICE

EXPOSIÇÃO E BÊNÇÃO DO SANTÍSSIMO

Na credência, dispõem-se convenientemente a custódia, coberta com um véu branco, o livro com as orações, a naveta, o véu de ombros e a campainha. Tanto na ida como na volta à sacristia, observam-se as regras dadas para antes e depois da missa solene *fig. 29-32*).

Depois de feita colectivamente a genuflexão, todos vão ocupar os seus lugares: o cerimoniário, no lado da Epístola, em frente do último degrau, os dois acólitos e o turiferário no mesmo sítio onde genuflectiram ao entrar (1), e os ceroferários, como na missa solene (2).

A seguir, o cerimoniário (ou na sua ausência, o 1.º acólito vai à credência, traz a custódia coberta

(1) Os acólitos podem também colocar imediatamente os ciriais nas duas extremidades do degrau inferior do altar ou no plano e ajoelharem em frente.

(2) Se os ceroferários se colocam no centro, todos os acólitos, com excepção do cerimoniário, ajoelham numa única fila.

com o véu (genuflecte em baixo, se o sacrário já está aberto), sobe ao altar pelo lado da Epístola e coloca a custódia no altar perto do corporal. Genuflecte com o sacerdote ou o diácono e leva o véu para a credência.

Exposto o Santíssimo, o sacerdote impõe incenso (37-39). O turiferário levanta-se, genuflecte (9, 1) e vai à credência. Trás a naveta, genuflecte ao centro e entrega a naveta ao diácono ou ao cerimoniário.

O sacerdote não abençoa o incenso. O turiferário entrega depois o turíbulo ao diácono, que deve levantar ligeiramente a capa do sacerdote (46, 3). O turiferário genuflecte e leva a naveta à credência. Volta novamente ao altar e ajoelha à direita do diácono ou do cerimoniário. Após a incensação, levanta-se, recebe o turíbulo (42), genuflecte e volta ao seu lugar (26 b).

Imediatamente após a incensação, os dois acólitos vão colocar, (no caso de levarem os ciriais para o altar) nas duas extremidades do último degrau, os ciriais que conservaram na mão até este momento e voltam para os seus lugares.

O cerimoniário vai buscar o livro das orações, genuflecte cada vez que saia ou chegue e entrega-o ao diácono ou ao sacerdote.

Durante o canto das orações, só o sacerdote está de pé.

Todos fazem inclinação profunda de cabeça às pa-

lavras: «veneremur cernui» do «Tantum ergo». À última estrofe: «Genitori Genitoque» novamente se incensa o Santíssimo. O turiferário, depois de ter recebido o turíbulo, faz genuflexão e volta para o seu lugar, ajoelha no plano à esquerda do cerimoniário e incensa, durante a bênção, com 3 ductus de 2 ictus (45, 3).

À última estrofe: «Genitori Genitoque», os dois acólitos vão buscar os ciriais, excepto no caso de estarem de joelhos junto deles e voltam aos seus lugares.

Após a incensação pelo sacerdote, o cerimoniário entrega o livro com a oração e, durante o canto do «Deus qui nobis», vai buscar o véu de ombros, genuflectindo à saída e à chegada. Logo que o sacerdote se ajoelha, coloca-lhe o véu sobre os ombros.

Pega na campainha e ajoelha à direita do turiferário. Toca uma vez no início, e outra logo que o Santíssimo for colocado no corporal.

O cerimoniário leva primeiro a campainha e, depois de dobrado, o véu d'ombros à credência (1). Leva também o livro, o véu branco, genuflecte em baixo, de lado, e leva o véu ao altar. Chegado ao supedâneo, genuflecte à direita do diácono e leva a custódia para a credência.

(1) Se não houver diácono e o Santíssimo deva ser encerrado no sacrário, imediatamente após a bênção, o sacerdote ajoelha no degrau superior para lhe ser tirado o véu de ombros.

Assim que se fechou o sacrário (1), o cerimoniário faz sinal aos acólitos para que se levantem e se coloquem no centro. Depois da genuflexão colectiva, voltam à sacristia.

(1) Excepto no caso de o Santíssimo ter de ser levado para outro altar (quer na píxide, quer na custódia) por um sacerdote ou diácono revestido de sobrepeliz e estola. Depois da bênção (ou dos benditos) coloca-se-lhe o véu de ombros.

Os ceroferários ou os dois acólitos precedem-no e alguém, com a umbela aberta, cobre o sacerdote ou o diácono, collocando-se à esquerda, um tanto atrás.

Logo que saíam do coro, o cerimoniário dá sinal para ocuparem os seus lugares.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

1. «Por Ele, com Ele e n'Ele»	8
2. Mãos postas	16
3. Atitude de pé	17
4. De joelhos	18
5. Sentado	18
6. Como se faz o Sinal da Cruz	19
7. Como se persigna	21
8. Inclinações	27
9. Como se leva o turíbulo	38
10. Como se leva a naveta	39
11. Como se leva a caldeirinha	40
12. Como se levam os ciriais	41
13. Como se leva a cruz	42
14. Como se pega na vela	43
15. Como se leva o missal	44
16. Como se coloca o missal no lado da Epístola e no lado do Evangelho	46
17. Como se apresenta o turíbulo para a imposi- ção do incenso	49
18. Como se entrega o turíbulo a um ministro (diácono ou ao cerimoniário)	50

19. Como se entrega o turíbulo ao que deve incensar	51
20. Como se apresentam as galhetas na Missa solene	54
21. Como se apresentam as galhetas na Missa rezada	55
22. Maneira de pegar no turíbulo durante a incensação	57
23. Como se levanta a casula durante a elevação	61
24. Modo de pegar na capa durante a incensação	63
25. Disposição da credência para a missa solene	96
26. Explicação das vinhetas	97
27. Ida para o altar	98
28. Modo de se colocarem para a genuflexão ...	99
29. Colocação dos vários acólitos quando a procissão entra pela igreja	100
30. Colocação para a genuflexão quando a procissão chegar à capela-mor, vinda pela igreja	101
31. Colocação dos acólitos durante a Missa solene	103
32. Colocação antes do canto do Evangelho	111
33. Colocação durante o canto do Evangelho ...	112
34. Colocação para a procissão depois do canto do Evangelho	113
35. Colocação dos ceroferários	117
36. Colocação para a procissão que se vai dirigir para a essa	142
37. Colocação à volta da essa	143
38. Colocação no coro quando a procissão se di-	

rige para a essa nos funerais solenes	148
39. Colocação junto da essa no mesmo coro ...	149
40. Lugares que ocupam no coro os vários mem- bros para as Vésperas Solenes	156
41. Ordem a observar na incensação durante as Vésperas Solenes	158

ÍNDICE GERAL

À maneira de Prefácio	5
------------------------------	---

NOÇÕES PRELIMINARES

1. Ser acólito	7
2. Pequenas coisas... que não são coisas pequenas	10
3. Recomendações gerais	12
A — A sacristia	12
B — Regulamentação do Serviço e das Funções Religiosas	13
C — Vestes	
1) uso pessoal	13
2) como se vestem	13
3) como se despem	14
4) cuidado com as vestes	14
D — O Santuário e o Coro	14

Primeira parte

REGRAS GERAIS PARA O SERVIÇO DO ALTAR

§ 1 — Atitudes	16
a) De pé	16

b) de joelhos	17
c) sentado	18

§ 2 — Movimentos

A) como se faz o sinal da cruz	19
1) com a mão direita estendida	19
2) com o polegar	21
B) O andar	22
C) A genuflexão	22
1) com um joelho	22
2) com dois joelhos	25
D) Inclinações	26
1) Inclinação do corpo	26
a) inclinação profunda	26
b) inclinação medíocre	27
2) inclinação da cabeça	28
a) inclinação profunda	28
b) inclinação medíocre	29
c) inclinação leve	29
Notas: saudação à cruz do altar e ao sacerdote	29
E) como se deve voltar	30
F) como se deve descer	31
G) como se devem beijar os objectos	31
H) como se dá a Paz	31
I) como se bate no peito	32
Nota: Simultaneidade de movimentos	33
§ 3 — Funções	
A) como se acendem e apagam as velas	34

1) número de velas	34
2) como se acendem as velas	35
3) como se apagam as velas	35
B) Como se deve responder	36
C) Como se devem levar os objectos ...	37
1) o turíbulo	37
2) a naveta	39
3) a caldeirinha e o hissope	40
4) os círios	40
5) a Cruz da procissão	42
6) as velas	43
7) os livros litúrgicos	43
a) o missal	43
b) outros livros	45
c) quando se muda o missal	45
D) Como se devem entregar e receber os objectos	47
1) água benta	47
2) caldeirinha e hissope	47
3) a naveta	48
4) o turíbulo	50
a) Na Missa e em Vésperas	52
b) À Bênção do Santíssimo	52
5) As galhetas	53
6) A patena da comunhão	55
E) A Incensação	56
1) Saudações durante a incensação ...	56
2) maneira de incensar	56
3) número de «ductus» e de «ictus» ...	58

F) Quando se devem levantar os paramentos	59
1) Sempre que o celebrante e os ministros se sentam	59
2) À consagração	60
3) Durante a incensação e quando se caminha	62
G) A Campainha	62
H) O Cerimoniário	65

Segunda parte

A MISSA REZADA

§ 1 — Missa rezada e ajudada por um acólito	67
§ 2 — Missa rezada e ajudada por dois acólitos	88

Terceira parte

A MISSA SOLENE

Asperges	100
1) Do começo até ao Ofertório	104
2) do Ofertório à Comunhão	114
3) da Comunhão ao fim da Missa	123

Quarta parte

<i>A Missa Cantada sem ministros</i>	125
§ 1 — Missa cantada, ajudada por dois acólitos	126
1) O Asperges	126
2) A Santa Missa	127

§ 2 — Missa cantada, ajudada por vários acólitos	128
--	-----

APÊNDICE I

Missa Solene com Exposição do Santíssimo	135
---	-----

APÊNDICE II

Missa Solene com presbítero assistente	138
---	-----

APÊNDICE III

A Liturgia dos defuntos

1. Missa rezada de Requiem	140
2. Missa de Requiem cantada sem ministros ...	140
A absolvição	141
3. Missa Solene de Requiem	144
Deveres dos acólitos	145
A absolvição	147

APÊNDICE IV

Movimentos conjuntos dos fiéis durante a Santa Missa	151
--	-----

Quinta parte

As Vésperas Solenes

§ 1. Notas gerais	153
§ 2. Preparativos e outras cerimónias das Vésperas solenes	154

APÊNDICE

Exposição e Bênção do SS. ^{mo} Sacramento ...	162
--	-----